A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • MARÇO DE 1992

A LIAHONA

MARÇO DE 1992

Na capa:
"Cada um de nós tem uma missão aqui na terra", diz a irmã Cécile Pelous, da Estaca Paris França, que passa três meses por ano servindo aos necessitados da Índia. Vide "Cécile Pelous: Amor e Amizade na Índia", página 8. Fotografia da capa: Norbert Mestraletti. Fotografia da quarta capa: Léo Jallais.

Capa da *Seção Infantil*:
Fotografia de Michael Schoenfeld.

ÍNDICE

SESQUICENTENÁRIO DA SOCIEDADE DE SOCORRO: SAUDAÇÃO DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA 1

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: "SE FORES FIEL" PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY 2

CÉCILE PELOUS: AMOR E AMIZADE NA ÍNDIA THIERRY CRUCY 8

AS JANELAS DO CÉU YAEKO SEKI 16

CRISANTA JUAN MARVIN K. GARDNER 18

FIDENCIA GARCÍA DE ROJAS: A VIDA DE UMA PIONEIRA MEXICANA AGUSTÍN ROJAS SANTOS 22

AS ALEGRIAS DA MATERNIDADE PETREA KELLY 25

COMEMORAÇÃO DO SESQUICENTENÁRIO DA SOCIEDADE DE SOCORRO: UMA IRMANDADE INTERNACIONAL 34

RENOVAR A ENERGIA ESPIRITUAL SHIRLEEN MEEK SAUNDERS 42

DEPARTAMENTOS

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: A ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE DE SOCORRO 48

SEÇÃO INFANTIL

WILFORD WOODRUFF KELLENE RICKS 2

DE UM AMIGO PARA OUTRO: ÉLDER JAMES M. PARAMORE 4

A DECISÃO DE MARCO PAULA HUNT 6

TEMPO DE COMPARTILHAR: NÉFI CONSTRÓI UM NAVIO VIRGINIA PEARCE 9

EMÍLIA NÃO ESPEROU NANCY ALBERTS 12

SÓ PARA DIVERTIR: ACHE O PAR DOS ANIMAIS 14

MINHAS MÃOS PODEM FICAR REVERENTES NA IGREJA BARBARA JOHNS 16

MARÇO de 1992, Vol. 16, nº 3
92983 059 São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:
Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores:
Rex D. Pinegar, Gene R. Cook, John H. Groberg, Robert E. Wells
Editor: Rex D. Pinegar
Diretor Gerente do Deportamento de Currículo: Ronald L. Knighton
Diretor de Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:
Editor Cerente: Brian K. Kelly
Editor Gerente Assistente: Marvin K. Gardner
Editor Associado: David Mitchell
Editora Assistente/Secão Infantil: De Anne Walker
Controlador: Diana W. Van Staveren
Supervisão de Arte: M. M. Kawasaki
Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen
Desenho: Sharri Cook
Produção: Reginald J. Christensen, Steve Dayton, Jane Ann Kemp, Denise Kirby
Cerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:
Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Paulo Dias Machado
(Reg. 8966-35-02 - RJ)
Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato
Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DI VISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, d o D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas
Caixa Postal 26023
05599, São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr$ 7.000,00**; para Portugal – Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Rua Aquiles Machado, 5M5J-1900-Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: **US$ 5,00**; aérea, **US$ 10,00**.
Preço de exemplar em nossa agência: **Cr$ 590,00**.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA – © 1992 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Of icinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9 - 11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Impressão: Ultraprint Impressora Ltda. - Rua Bresser, 1224 - Brás - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas à adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price $9.00 a year. $1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240 2947.

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

SESQUICENTENÁRIO DA SOCIEDADE DE SOCORRO

Saudação da Primeira Presidência

A comemoração do sesquicentenário da Sociedade de Socorro durante o ano de 1992 é um acontecimento de grande importância para a Igreja. Quando a Sociedade de Socorro foi organizada, em 17 de março de 1842, Joseph Smith disse: "Esta Sociedade irá rejubilar-se, e conhecimento e inteligência fluirão, daqui por diante; este é o início de melhores dias para os pobres e os necessitados, que se regozijarão e derramarão bênçãos sobre vossas cabeças." (*History of the Church,* 4:607.)

Nossas irmãs têm realmente abençoado um número incontável de pessoas, por meio de atividades caritativas e educacionais da Sociedade de Socorro. As mulheres da Sociedade de Socorro em toda a Igreja vivem o lema: "A Caridade Nunca Falha." Louvamos as líderes da Sociedade de Socorro por comemorarem este sesquicentenário servindo ao próximo. Queiram incentivar as líderes da Sociedade de Socorro neste importante esforço.

Somos gratos por nossas irmãs que desempenham um importante papel na edificação do reino de Deus em toda a terra. Regozijamo-nos na organização da Sociedade de Socorro, em sua missão, e no bem que as mulheres que dela fazem parte trazem ao mundo inteiro.

Oramos para que a comemoração do sesquicentenário da Sociedade de Socorro fortaleça e abençoe todos os membros da Igreja.

Sinceramente,

Ezra Taft Benson
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson

ILUSTRADO POR SCOTT SNOW

"Se Fores Fiel"

Presidente Gordon B. Hinckley
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Há cento e cinqüenta anos, o Profeta Joseph Smith organizou a Sociedade de Socorro, em Nauvoo, Illinois. A primeira presidente dessa organização foi a esposa do Profeta, Emma Hale Smith.

Recentemente, senti-me induzido a ler, mais uma vez, a seção 25 de Doutrina e Convênios. Como sabeis, é uma revelação dada por intermédio de Joseph Smith a Emma, em Harmony, Pennsylvania, em julho de 1830, pouco depois da organização da Igreja.

Faz pouco tempo recebi a carta de uma mulher que se sentia muito frustrada. Dizia ela que fora derrotada ou havia malogrado em quase tudo que tentara fazer, e depois perguntava: "O que Deus espera de mim?"

Algumas coisas que Deus espera dela e de toda mulher — na verdade, de todos nós — são indicadas nessa bela revelação. Ao examinar as palavras do Senhor nesta revelação, meus pensamentos se voltam para as mulheres da Igreja.

Emma foi chamada de "mulher eleita". Ela era um vaso escolhido do Senhor. Cada uma de vós é uma mulher eleita. Deixastes o mundo, para participardes do evangelho de Jesus Cristo.

ILUSTRADO POR SCOTT SNOW

Dizia o Senhor a Emma, e a cada um de nós:

"Uma revelação te dou com respeito à minha vontade; e, se fores fiel e andares nas veredas da virtude diante de mim, preservarei a tua vida e receberás uma herança em Sião" (vers. 2).

"Se fores fiel e andares nas veredas da virtude diante de mim" — são palavras que serviriam de tema para um longo sermão. Vou comentá-las apenas brevemente.

Em grande escala, cada um de nós tem a chave que lhe faculta as bênçãos do Todo-Poderoso. Se desejamos a bênção, temos de pagar o preço. E parte desse preço está em ser fiel. Fiel a quê? Fiel a nós próprios, ao que existe de melhor em nós. Nenhuma mulher tem o direito de degradar-se, menosprezar-se, depreciar suas aptidões ou qualidades. Sede fiéis aos grandes atributos divinos que tendes dentro de vós. Fiéis ao evangelho. Fiéis à Igreja. Estamos rodeados de pessoas que procuram miná-la, achar falhas em seus primeiros líderes, encontrar erros em seus programas, criticá-la. Presto-vos testemunho de que ela é obra de Deus, e aqueles que a condenam estão condenando Deus.

Sede fiéis a ele. Ele é a única fonte genuína de vossa força. É o vosso Pai nos céus. Ele vive. Ele ouve e atende vossas preces. Sede fiéis a Deus.

Prosseguindo, o Senhor disse a Emma: "Se... andares nas veredas da virtude."

Penso que todas as mulheres SUD entendem o que significa isso. Sinto que essas palavras foram ditas a Emma Smith e conseqüentemente a todos nós, como condição explícita para recebermos uma herança no reino de Deus. A falta de virtude é totalmente inconsistente com a obediência aos mandamentos de Deus. Não existe nada mais belo que a virtude. Não existe força mais poderosa que a da virtude. Não existe nobreza que se iguale à nobreza da virtude. Não existe qualidade mais bela nem ornamento mais atraente.

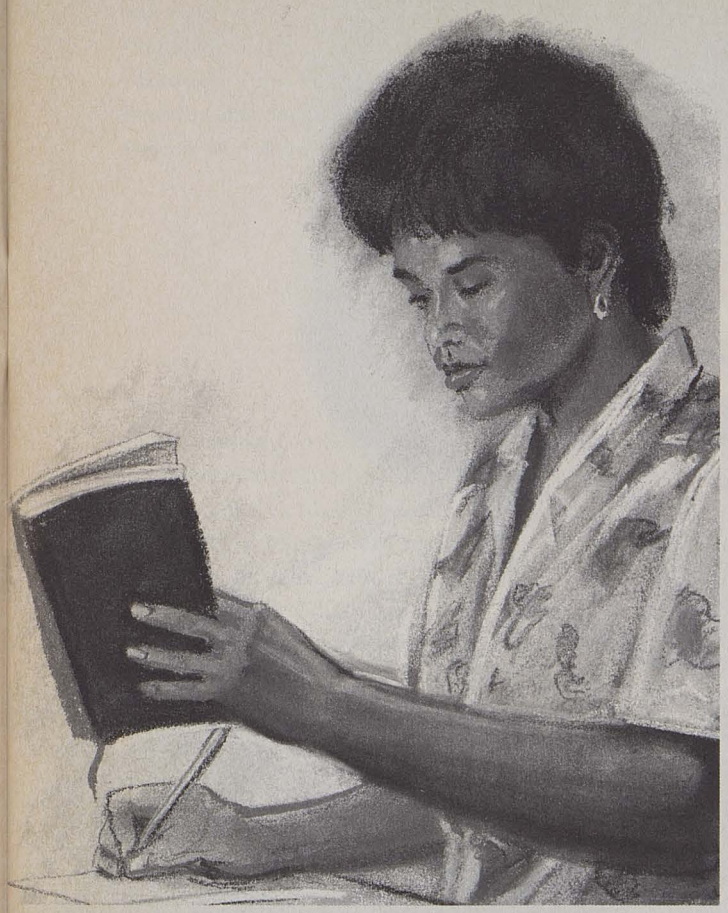
É interessante que nessa revelação, ao fazer essa grande promessa condicional a Emma, o Senhor prosseguiu, dizendo: "Teus pecados te são perdoados, e és uma mulher eleita" (vers.3). Sou tão grato pelo dom do perdão oferecido pelo Pai de misericórdia. A respeito dos que se arrependem e são perdoados, diz o Senhor por intermédio do Profeta Isaías: "Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve: ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã" (Isaías 1:18).

A todos que possam estar lamentando erros graves de sua vida, ofereço a garantia, dada nas revelações antigas e nas modernas, de que, onde houver arrependimento, pode haver perdão. Não vos preocupeis com os erros trágicos do passado. Antes "confia em Deus e vive" (Alma 37:47).

Emma foi chamada de "mulher eleita". Isto significa, usando outra passagem das escrituras, que ela era um vaso escolhido do Senhor. (Vide Morôni 7:31.) Cada uma de vós é uma mulher eleita. Deixastes o mundo, para participar do evangelho restaurado de Jesus Cristo. Fizestes vossa escolha e, se estais vivendo à altura dela, o Senhor vos honrará e magnificará.

Em seguida, ele disse a Emma: "Não murmures por causa das coisas que não viste" (vers.4), referindo-se às placas que o marido estava traduzindo, enquanto ela lhe servia de escriba. Evidentemente reclamava porque Joseph não queria mostrá-las. O Senhor estava dizendo: "Não reclames. Não te queixes. Aceita o que tem de ser em minha sabedoria eterna, e não critiques." Na Igreja existem algumas mulheres que reclamam por não terem o sacerdócio. Penso que o Senhor lhes diria: "Não murmures por causa das coisas que não te são dadas."

Esta é a obra do Senhor. Não foi Joseph quem resolveu não mostrar as placas. Ele recebeu instruções a respeito do assunto. Tampouco fomos nós que determinamos quem deve receber o sacerdócio. Isto foi estabelecido por aquele a quem esta obra pertence, e só ele poderia mudar.



Emma ensinaria retidão e verdade. Deveria estudar o evangelho e as coisas do mundo no qual vivia. Esse encargo se aplica a todas as mulheres desta Igreja.

Segundo as palavras da revelação, Emma foi chamada para ser "um conforto ao meu servo Joseph Smith, teu marido, em suas aflições, com palavras consoladoras, e em espírito de mansidão" (vers.5).

É uma linguagem interessante. Ela era sua esposa, sua companheira, sua força nas aflições. Devia confortá-lo com palavras consoladoras, ditas com mansidão.

Vejo nisto o desafio de toda mulher casada — o de determinar o tom do que é falado no lar. Diz o antigo provérbio que "a resposta branda desvia o furor" (Provérbios 15:1). Parece-me interessante que nessa revelação o Senhor falasse de palavras consoladoras, em espírito de mansidão.

Há tanta discussão nas famílias! Isto é tão destrutivo. Tão desgastante. Só leva a amargura, sofrimento e lágrimas. Como seríamos prudentes, se disséssemos palavras consoladoras, em espírito de mansidão, nos momentos de ansiedade, conflitos e aflições.

Emma deveria ser ordenada (designada) por Joseph "para expor as escrituras e exortar a igreja, conforme fores inspirada pelo meu Espírito" (vers 7).

Ela deveria ser professora. Ensinaria retidão e verdade. Disse o Senhor a respeito de seu chamado: "Receberás o Espírito Santo, e o teu tempo dedicarás à escrita e à aquisição de conhecimento" (vers.8).

Ela deveria estudar o evangelho. Deveria também estudar as coisas do mundo no qual vivia. Isto ficou claro em revelações subseqüentes, aplicáveis a todos nós. Deveria dedicar o tempo a adquirir "conhecimento". Deveria escrever, externando seus pensamentos.

A vós, mulheres de hoje, jovens ou idosas, sugiro que escrevais, que tenhais um diário, que coloqueis vossos pensamentos no papel. Escrever é uma excelente disciplina, um enorme esforço educacional. Isso irá beneficiar-vos de muitas maneiras, e abençoareis a vida de muitos — vossos familiares e outros — agora e futuramente, colocando no papel algumas de vossas experiências e de vossos devaneios.

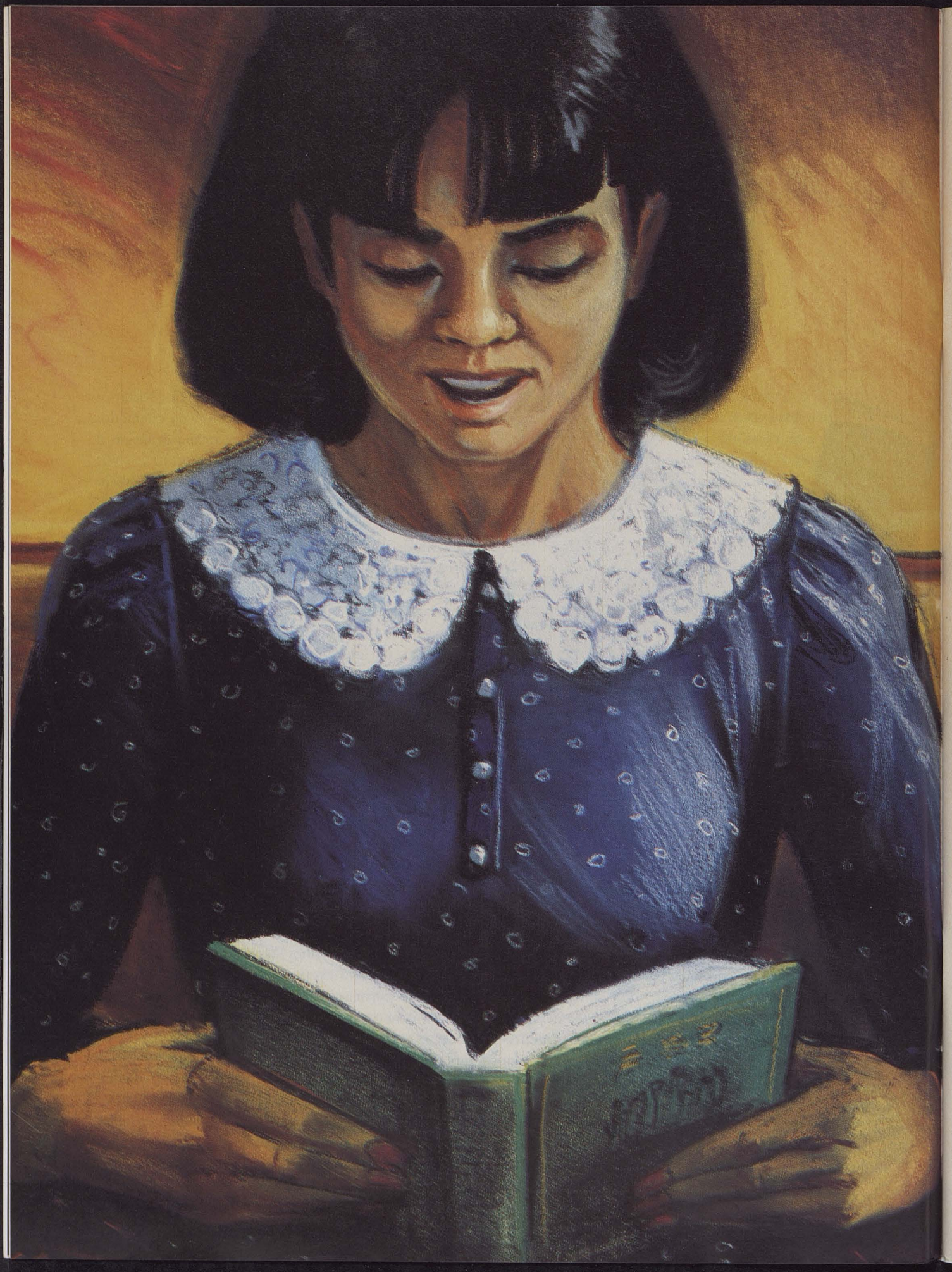
Nas palavras da revelação, ela devia "expor as escrituras e exortar a igreja, conforme fores inspirada pelo meu Espírito".

Que responsabilidade extraordinária para Emma e todas as mulheres desta Igreja. É preciso estudo, preparo, organização de idéias, explicação das escrituras, exortação a boas obras, conforme orientação do Santo Espírito.

E o Senhor continuou: "Na verdade te digo que deverás renunciar às coisas deste mundo e buscar as coisas de um mundo melhor" (vers.10).

A meu ver, não estava dizendo a Emma que não deveria preocupar-se com um lugar para viver, com o que comer e com o que vestir, mas sim, que não deveria ficar obcecada com essas coisas, conforme a tendência de tantos de nós. Dizia-lhe que deveria pensar nas coisas mais elevadas da vida, na retidão e na bondade, na caridade e no amor ao próximo, nas coisas da eternidade.

Emma foi instruída a fazer uma seleção de hinos para a Igreja, e é interessante notar que recebeu esse encargo apenas três meses após sua organização. Por ocasião



Emma foi instruída a fazer uma seleção de hinos para a Igreja. Ao cantar os hinos, devemos lembrar-nos de que o Senhor se deleita "com o canto do coração; sim, o canto dos justos é uma prece a mim, e será respondida com uma bênção sobre suas cabeças".

deste chamado, o Senhor faz uma declaração notável, freqüentemente citada por nós: "Pois a minha alma se deleita com o canto do coração; sim, o canto dos justos é uma prece a mim, e será respondida com uma bênção sobre suas cabeças" (vers. 12).

Prosseguindo, disse o Senhor: "Portanto, levanta o coração e regozija-te, e apega-te aos convênios que fizeste" (vers 13).

Acredito que esteja dizendo a cada um de nós: "Sê feliz." O evangelho é alegre. Ele nos dá motivo para contentamento. Naturalmente, temos momentos de dor. Naturalmente, temos horas de aflição e ansiedade. Todos nós nos preocupamos, mas o Senhor nos manda "levantar o coração" e regozijar-nos. Observo tanta gente, inclusive muitas mulheres, que parecem nunca ver o sol brilhar, que andam sempre enfrentando tempestades debaixo de um céu nublado. Cultivai a alegria. Cultivai o otimismo. Caminhai com fé, regozijando-vos com as belezas da natureza, com a bondade dos que amais, com o testemunho das coisas divinas que tendes no coração.

"Continua em espírito de mansidão, acautelando-te contra o orgulho" (vers. 14). São palavras dessa mesma revelação, e muito significativas para todos nós.

"Guarda os meus mandamentos continuamente e receberás a coroa da justiça" (vers.15). Esta foi a promessa do Senhor a Emma Hale Smith; é a promessa do Senhor a cada uma de vós. A felicidade está na obediência aos mandamentos.

Para uma mulher SUD, só pode haver angústia na violação desses mandamentos. E existe a promessa de uma coroa para todas que os guardam, uma coroa de rainha para cada filha de Deus, uma coroa de retidão e verdade eterna.

Concluindo a revelação, disse o Senhor: "Esta é a minha voz para todos" (vers.16). Portanto, o conselho dado pelo Senhor nessa ocasião se aplica a todos nós.

Recomendo-vos essa grande revelação, recebida há 162 anos. É tão oportuna hoje como naquela época. Exorto-vos a lê-la e a refletir nela.

Deus vos abençoe, minhas amadas irmãs — vós, meninas que apreciamos tanto; vós, belas jovens que tendes lindos sonhos a respeito do futuro; vós, que não sois casadas e às vezes vos sentis sós, mas de quem, eu vos asseguro, o Senhor não se esqueceu; vós, que tendes o encargo de criar filhos; vós, que sois viúvas ou divorciadas; e vós, lindas irmãs idosas, que tanto amamos, honramos e respeitamos. Deus vos abençoe com a realização de todos os vossos justos desejos, com paz no coração e alegria na vida, como filhas de Deus abençoadas com a luz do evangelho eterno. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. O conselho dado pelo Senhor a Emma Smith em 1830 se aplica a todas as irmãs.

2. Nenhuma mulher tem o direito de degradar-se, de menosprezar-se, de depreciar suas aptidões ou qualidades. Que cada uma seja fiel aos grandes atributos divinos que tem dentro de si.

3. Toda irmã da Igreja é "uma mulher eleita". Deixastes o mundo, para participar do evangelho restaurado de Jesus Cristo. Fizestes vossa escolha e, se estais vivendo à altura dela, o Senhor vos honrará e magnificará.

4. O Senhor deu uma responsabilidade extraordinária a todas as mulheres desta Igreja: É preciso estudo, preparo, organização de idéias, explicação das escrituras e exortação a boas obras, conforme orientação do Santo Espírito.

5. Cultivai a alegria. Cultivai o otimismo. Caminhai com fé, regozijando-vos com as belezas da natureza, com a bondade dos que amais, com o testemunho das coisas divinas que tendes no coração.

CÉCILE PELOUS

Amor e Amizade na Índia

Thierry Crucy

Durante mais de vinte anos, a irmã Cécile Pelous, membro do Ramo Cergy-Pontoise, Estaca Paris França, trabalhou para as melhores casas de moda em Paris — Dior, Cardin e Ricci. Ela desenha e faz vestidos para as mulheres mais ricas do mundo.

Desde 1986, no entanto, essa mulher encantadora e dinâmica usa sua fascinante carreira para realizar um trabalho bastante diferente. Ela passa três meses por ano ajudando os pobres da Índia. Trabalhando nos subúrbios pobres de Calcutá e nos orfanatos de Bengala, ela usa todas as suas economias, bem como doações de amigos franceses, para auxiliar as crianças pobres — com a ajuda de pessoas de boa vontade que vivem no local.

"EU SABIA QUE HAVIA MUITO A FAZER"

Cécile descobriu A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos últimos Dias em 1974, quando estava visitando os Estados Unidos em viagem turística. Por acaso, seu grupo parou na Praça do Templo e assistiu a uma apresentação do Coro do Tabernáculo. "Foi uma experiência emocional profunda", diz ela. Mais tarde, afirmou a seus companheiros de viagem que a parte melhor da excursão fora a apresentação do coro.

Meses depois, na França, os missionários bateram à sua porta. Cécile não demonstrou interesse, até um deles dizer que era da Cidade do Lago Salgado. Lembrando-se da experiência que tivera lá, Cécile perguntou ao missionário se ele representava "a igreja que tinha o coro". Quando ele disse que sim, mandou-os entrar e ouviu a mensagem. Ela foi batizada alguns meses depois, em 1975.

Onze anos mais tarde, em julho de 1986, Cécile fez sua primeira viagem à Índia. "Fui a Calcutá durante as férias, com a idéia de ajudar meu próximo", diz ela. "Levava comigo um certificado de primeiros socorros, minha boa vontade e minhas malas cheias de remédios." Ela assistira a conferências que descreviam as condições da Índia e lera sobre o assunto. "Eu sabia que havia muito a fazer", diz ela.

O trabalho a ser feito era especialmente com os idosos, os bebês e as crianças deficientes de Calcutá. "Tive muitas oportunidades de trabalhar e desenvolver-me. Havia roupas sujas e lençóis para ferver e lavar, refeições para preparar, pacientes para alimentar em abrigos noturnos e asilos, e cuidados médicos para prestar", diz ela. "Os que estavam à beira da morte tinham de ser lavados, e era preciso que recebessem simpatia e afeição, para ajudá-los a deixar este mundo. Havia bebês para trocar e alimentar, tão fracos, que nosso desejo seria transmitir-lhes nossa própria saúde." Ela trabalhou primeiro com as Irmãs de Caridade de Madre Teresa e depois com outros grupos.

"Não sou nenhuma heroína", diz Cécile. "Minha experiência na Índia é uma experiência de amor e amizade."

FOTOGRAFIA DE LÉO JALLAS, GASTON GRANDJEAN E CÉCILE PELOUS

FOTOGRAFIA DE LÉO JALLAIS, GASTON GRANDJEAN E CÉCILE PELOUS

Antes desnutridas e sujeitas a doenças, as crianças do orfanato Ashram Dayal (esquerda) agora desfrutam de uma saúde melhor e de melhores condições de vida, graças aos esforços da irmã Pelous. Além de conseguir-lhes suprimentos, ela também lhes ensinou princípios de auto-suficiência. Agora, quando fazem fila na hora das refeições (direita), recebem uma dieta que inclui verduras, peixe e ovos. A irmã Pelous pára por um momento (última foto à direita), com um de seus amigos do *ashram*, Milli.

"O SENHOR A MANDOU"

Na primeira viagem à Índia, Cécile também descobriu um lar para cem idosos, muitos dos quais estavam confinados ao leito. "Havia apenas duas missionárias católicas para atender às necessidades de todos, e uma delas estava doente havia três dias. Quando uma outra voluntária e eu chegamos, imediatamente arregaçamos as mangas e começamos a trabalhar", diz ela. "Irmã Thérésina, uma das missionárias, beijou-me e disse: 'O Senhor a mandou!' e eu acreditei nela."

Mais tarde, em Pilkana, subúrbio de Calcutá, Cécile enfrentou temperaturas tórridas, enchentes durante a temporada das monções, e deparou com um nível de pobreza que a deixou abismada. "Mas também encontrei muita esperança, porque as crianças que vivem na pobreza ainda sabem rir e divertir-se, como as crianças de todo o mundo."

Cécile também encontrou um casal europeu que trabalhava havia vinte anos para ajudar os indianos mais pobres a se tornarem auto-suficientes. "Eles haviam iniciado um projeto de bem-estar totalmente indiano, e tive a sorte de poder trabalhar nesse empreendimento", diz ela. "Fundei um centro em que as jovens de quatorze a dezessete anos são ensinadas a fazer estampas em batique, para que um dia possam prover a subsistência de suas famílias."

Com sua experiência como desenhista de modas, Cécile também ensinou as jovens a fazerem moldes e a cortar e costurar suas próprias roupas. As jovens agora fazem roupas para as crianças do orfanato.

Cécile também ajudou a abrir um local para servir sopa aos pobres — e para dar consultas médicas grátis. "Lá", diz ela, "os que têm pouco dão aos que não têm nada."

AS CRIANÇAS DE BANIPUR

Cécile descobriu depois os *ashrams* — retiros religiosos que serviam como orfanatos. Em cada *ashram* há aproximadamente cem crianças, de cinco a doze anos. Muitas dessas crianças ficaram órfãs devido a doenças dos pais, desnutrição e ataques dos tigres. As crianças chegam aos *ashrams* famintas. Muitas têm doenças de pele, febre, problemas intestinais e raquitismo (causado por grave deficiência de vitaminas). Para a maioria das crianças, são necessários três meses para acostumar-se à idéia de que terão arroz para comer no dia seguinte. Atualmente, há oito *ashrams* em Bengala, entre os quais o Dayal Ashram ("casa feliz") em Banipur, no meio da selva.

"Esse *ashram* me é muito caro", diz Cécile, "porque foi lá que eu descobri o coração dos indianos. Senti-me em casa. Ensinei as crianças a tocar, cantar e rir. Elas me ensinaram a dormir no chão, a comer com a mão, a tirar os sapatos nas casas e lugares sagrados e a valorizar a parte essencial da vida — o amor."

Muito rapidamente criaram-se laços entre Cécile e as crianças, que a chamam de "Cécile Didi" — grande irmã Cécile. Quando ela contraiu paratifo, na primeira viagem, seus pequenos amigos indianos cuidaram dela e velaram por ela como se fossem os irmãos mais velhos. Massageavam-lhe as pernas e braços, para aliviar as cãibras causadas pela doença.

Poucos meses antes da primeira visita de Cécile a Banipur, em 1986, uma organização beneficente local conseguira construir uma granja com 120 galinhas, o que permitia dar às oitocentas crianças que viviam nos ashrams, um ovo por semana. Os ovos eram uma valiosa fonte de proteínas em uma dieta alimentar feita exclusivamente de arroz e raízes colhidas na selva. Infelizmente, na época em que Cécile chegou, as galinhas estavam morrendo.

"UMA GOTA D'ÁGUA"

"Quando retornei à França", diz Cécile, "decidi que se voltasse a Banipur construiria uma granja, pois isso era vital para as crianças. A situação lá me havia tocado tão profundamente, que eu sabia que teria de achar um meio de voltar para ajudar de alguma forma válida."

Cécile levou cinco meses para recuperar-se do paratifo. "Logo que me senti melhor, reassumi meu trabalho e comecei a economizar dinheiro. Não me foi difícil perceber que meus recursos pessoais não seriam suficientes. Orei e pedi ao Pai Celestial que me ajudasse", diz ela. "E senti que deveria falar sobre meu projeto a meus familiares, amigos e membros da Igreja. Em uma festa na minha casa, muitos deles — sem antes consultar uns aos outros — deram-me envelopes com dinheiro para alimentos, para as galinhas, e para o bem-estar geral das crianças. Fiquei profundamente comovida com sua confiança e amor."

A seguir, ela falou ao presidente de sua estaca, Daniel Pichot, sobre o projeto. "Ele me aconselhou a escrever uma carta aos membros da estaca e a relatar-lhes meu projeto em Banipur. Três dias depois recebi, com emoção, um cheque da estaca. Era o dinheiro arrecadado na campanha 'gota d'água' — contribuições voluntárias que haviam sido recolhidas durante um jejum para ajudar a diminuir a miséria no mundo. Os líderes da estaca haviam decidido que o dinheiro seria usado para a granja."

No mês de setembro seguinte, Cécile estava de volta a Banipur. Lá, ela comprou 120 galinhas poedeiras, 120 frangas que começariam a botar dali a cinco meses, o material de construção para a granja, grãos para alimentar as galinhas por um ano, e trinta patas poedeiras — cujo esterco alimentaria os peixes de um lago próximo. Com o resto do dinheiro, comprou leite em pó suficiente para seis meses, para as crianças do *ashram*.

Na França, Cécile havia pedido a entendidos orientação para cuidar da granja. Graças a essa ajuda, as galinhas de Banipur agora botam ovos de casca dura, o que nunca havia acontecido antes naquela área.

Por meio dessa medida de emergência para aliviar a fome, Cécile ensinou princípios de auto-suficiência: "Agora as crianças têm a responsabilidade de cuidar bem da granja. Elas recolhem e contam os ovos; todas têm tarefas a cumprir, mesmo as mais novas. Estão aprendendo a ser responsáveis umas pelas outras — porque em um *ashram* há apenas dois adultos na direção, e três cozinheiros deficientes para cem crianças."

O INÍCIO DA AUTO-SUFICIÊNCIA

Depois de sua primeira visita, Cécile tem ido a Banipur duas vezes por ano. Usando as próprias

Preparação da refeição em Banipur (esquerda) inclui verduras cultivadas pelas crianças. Além de receber caril e arroz no jantar, as crianças (direita) agora recebem um ovo cada domingo.

Os ovos são das galinhas que a irmã Cécile Pelous comprou com fundos doados pelos membros da Igreja de sua estaca, em Paris. Ela também comprou patos, cereais e materiais de construção para uma granja.

economias, juntamente com fundos que obtém de amigos, principalmente em Paris e Estrasburgo, ela continua a organizar projetos de bem-estar. Às vezes trabalha sozinha. Outras vezes coordena seus esforços com organizações locais, como, por exemplo, Seva Sang Samiti, ou com voluntários, como Sorit Kumar Da, um brâmane local que renunciou a uma vida rica para ajudar os párias, e Gaston Grandjean, sacerdote católico que decidiu viver com as pessoas mais pobres. Todas essas ofertas de boa vontade são bem aproveitadas.

E cada vez que Cécile volta a Banipur, constata progressos. Terra não cultivada foi trasformada em horta para o *ashram*. No início, as crianças, como não tinham ferramentas de espécie alguma, cultivavam a terra com varas. Agora elas têm algumas pás e picaretas. Alguns peixes foram colocados em um lago próximo e, embora ainda seja muito prematuro chamar o local de fazenda de piscicultura, a pesca chega, atualmente, a 240 quilos por ano. Todas as crianças podem agora comer verduras regularmente e peixe de vez em quando.

Os habitantes da vila cavaram um poço, e os jovens de uma ala de Paris levantaram fundos para comprar uma bomba. Agora, a vila — que chega a mais de 1500 habitantes e tem um dispensário médico que aceita pacientes de regiões distantes — tem uma segunda bica de água potável. As filas de espera estão menores. Algumas doenças infecciosas estão sendo evitadas.

Desde que foi aberta uma estrada em 1986, o dispensário de Bélari, construído por Sorit Kumar Da e pelos habitantes da vila, trata de três mil pacientes por mês. Instalaram um berçário diurno para vinte e cinco bebês subnutridos. Cada mãe é examinada por uma enfermeira e recebe 250 gramas de leite em pó por semana para seu filho. Vidas jovens estão sendo salvas.

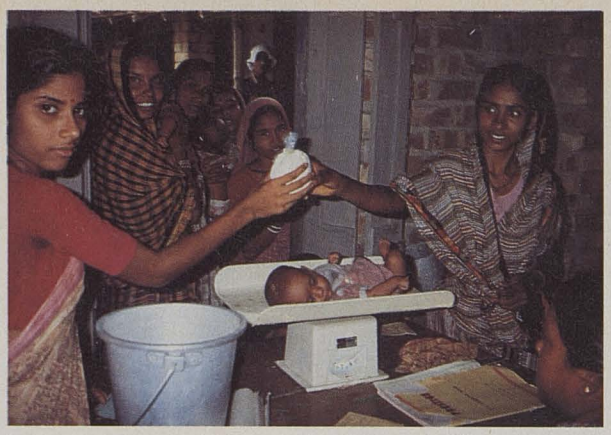
Em Bélari os habitantes da vila construíram uma escola. Homens, mulheres e crianças, todos carregaram tijolos durante a construção do edifício.

As obras, as construções, os professores e os cozinheiros — são todos pagos com os fundos angariados pela irmã Pelous. Assim, contribuindo para o bem-estar do próximo, alguns habitantes da vila encontraram uma fonte de renda.

Em novembro de 1988, trinta e cinco das famílias mais pobres foram escolhidas para aprender a cuidar de galinheiros domésticos. Cada uma das famílias recebeu duas galinhas e um galo. Passado um ano, as famílias que tiveram paciência para não comer as aves imediatamente, estavam com mais de trinta galinhas que podiam ser vendidas para comprar arroz, remédios, livros e roupas. Esse é o início da auto-suficiência.

AJUDA A CRIANÇAS DESAMPARADAS NO NEPAL

Em 1989, um amigo, Padre François Laborde, pediu à irmã Pelous que o ajudasse a instalar uma casa, escola, dispensário médico e fazenda para quarenta e sete crianças desamparadas — vinte e uma das quais também eram cegas — em Nepalganj, no Nepal. De Bengala, Cécile foi ao Nepal avaliar as necessidades. De volta a Paris, ela tentou levantar os fundos necessários, mas não teve sucesso. Então, um acontecimento que Cécile atribuiu à bondade do Pai Celestial — salvou o projeto.



Vidas estão sendo salvas em um berçário diurno, em Bélari (esquerda), onde cada mãe passa por um exame médico semanal e recebe 250 gramas de leite em pó para seu bebê. Um pedido de 2.000 cartões de Natal em batique (direita) proporcionou uma renda às jovens do centro de treinamento de Pilkana. A irmã Pelous diz que nunca esquecerá a expressão de uma mulher (última foto à direita) que levou uma criança desidratada e anêmica a um dispensário, suplicando: "Por favor, salvem minha neta!"

Uma agência imobiliária lhe fez uma oferta muito generosa por sua casa, que ficava muito bem localizada em um subúrbio perto do centro de Paris. Cécile imediatamente aceitou a oferta. Ela compraria uma casa mais modesta — embora não tão rica em lembranças — e, com o dinheiro que economizasse, poderia financiar os projetos do Nepal. As casas e a escola foram construídas em 1990, e Cécile está agora em busca de fundos para o dispensário e para a fazenda.

Ela tem muitos desejos fervorosos — que todas as crianças tenham comida suficiente e possam ir à escola, que um melhor suprimento de água e sistema de esgoto possam deter a disseminação de doenças. Ela sonha e espera. Se tão pouco dinheiro e tão poucas mãos significam tanto, o que poderia ser feito com maiores recursos?

NUTRIR O ESPÍRITO

O trabalho da irmã Pelous não é apenas em prol do bem-estar material das pessoas. "Tendo alimento e roupas suficientes, as pessoas podem começar a responder ao evangelho", explica ela. Ela está aprendendo a língua bengáli e deu vários exemplares de Seleções do Livro de Mórmon, em bengáli, a pessoas que lhe perguntaram sobre a Igreja.

Seu ensinamento mais vigoroso, no entanto, é transmitido pelo exemplo. Explica Christian Euvrard, membro da Estaca Paris e antigo Representante Regional: "Ela segue os princípios do programa de bem-estar da Igreja. E está conseguindo muita coisa, obedecendo às leis da Índia e trabalhando com organizações indianas locais. Dessa forma, a Igreja está desfrutando de uma boa reputação — e está crescendo constantemente."

Cécile lembra com emoção o dia em que amigos não-mórmons, de Bengala defenderam-na diante das autoridades locais, dizendo: "Ela nunca faria nada desonesto. Ela é mórmon."

"O Senhor sempre me abre portas", testifica Cécile. "Certa vez, funcionários da alfândega de Calcutá me permitiram entrar no país com o dobro de medicamentos permitidos aos outros voluntários. Foi-me dado também o último lugar de um avião 'completamente lotado', no último minuto. Muitas vezes recebi autorizações de que necessitava, de funcionários que geralmente não têm muita vontade de ajudar. Quando é vontade do Senhor, eu simplesmente preciso fazer a minha parte para ele fazer a dele."

Sempre, antes de sair de Paris e voltar a Bengala, ela pede e recebe uma bênção do sacerdócio, que a orienta durante toda a viagem.

ESTÁ NASCENDO A ESPERANÇA

Naturalmente, Cécile sabe que as necessidades são muito grandes. Seriam necessárias centenas de escolas, bombas de água, berçários, granjas, dispensários, latrinas e professoras de higiene e saneamento para diminuir o sofrimento atual e tornar possível um futuro mais humano. Como ela gosta de repetir, "O que foi conseguido é pouco — mas já é muito". O futuro é promissor. Está nascendo a esperança. Os amigos dela

em Banipur e Bélari sentem que as coisas podem mudar, que os ciclos de fome e doença podem ser revertidos. Eles estão criando coragem e cuidando de si.

Os membros da Estaca Paris, onde Cécile serviu como presidente das Moças da estaca e como presidente da Primária e da Sociedade de Socorro da ala, estão cada vez mais envolvidos no projeto. Em 1988 e em 1990, membros da estaca encomendaram cartões de Natal em batique — peças de arte em miniatura — às jovens do centro de treinamento de Pilkana, proporcionando-lhes assim um trabalho remunerado. Alguns dos amigos de Cécile também estão comprando echarpes, lenços e tapeçarias com as maravilhosas figuras em batique, criadas em Pilkana.

As crianças da Primária da Estaca Paris doam seus próprios brinquedos e jogos às crianças de Bengala. E os jovens de Paris se correspondem com as crianças do *ashram*.

Diz o Presidente Daniel Pichot, da Estaca Paris: "Consideramos isso uma boa oportunidade de ensinar nossos membros, especialmente os jovens. Graças aos esforços da irmã Pelous, nossas crianças e jovens estão tomando mais consciência de suas bênçãos e vendo que muita coisa pode ser conseguida com pouco."

Cada vez que Cécile volta de suas viagens, ela presta contas de seus projetos e do uso dos fundos aos seus amigos da Estaca Paris e de Estrasburgo. Ao ouvi-la, eles percebem que, em parte graças a eles, a vida melhorou num cantinho distante do mundo. As histórias que ela conta e as fotos das crianças (como Milli, Rano, Tulu, Sima, Boula, Aouti, e tantos outros) e dos adultos que delas cuidam (como Sukeshi, Shonda, Lucy e Minoti) transformam projetos humanitários abstratos em exemplos específicos de compaixão e fraternidade.

"POR FAVOR, SALVEM MINHA NETA!"

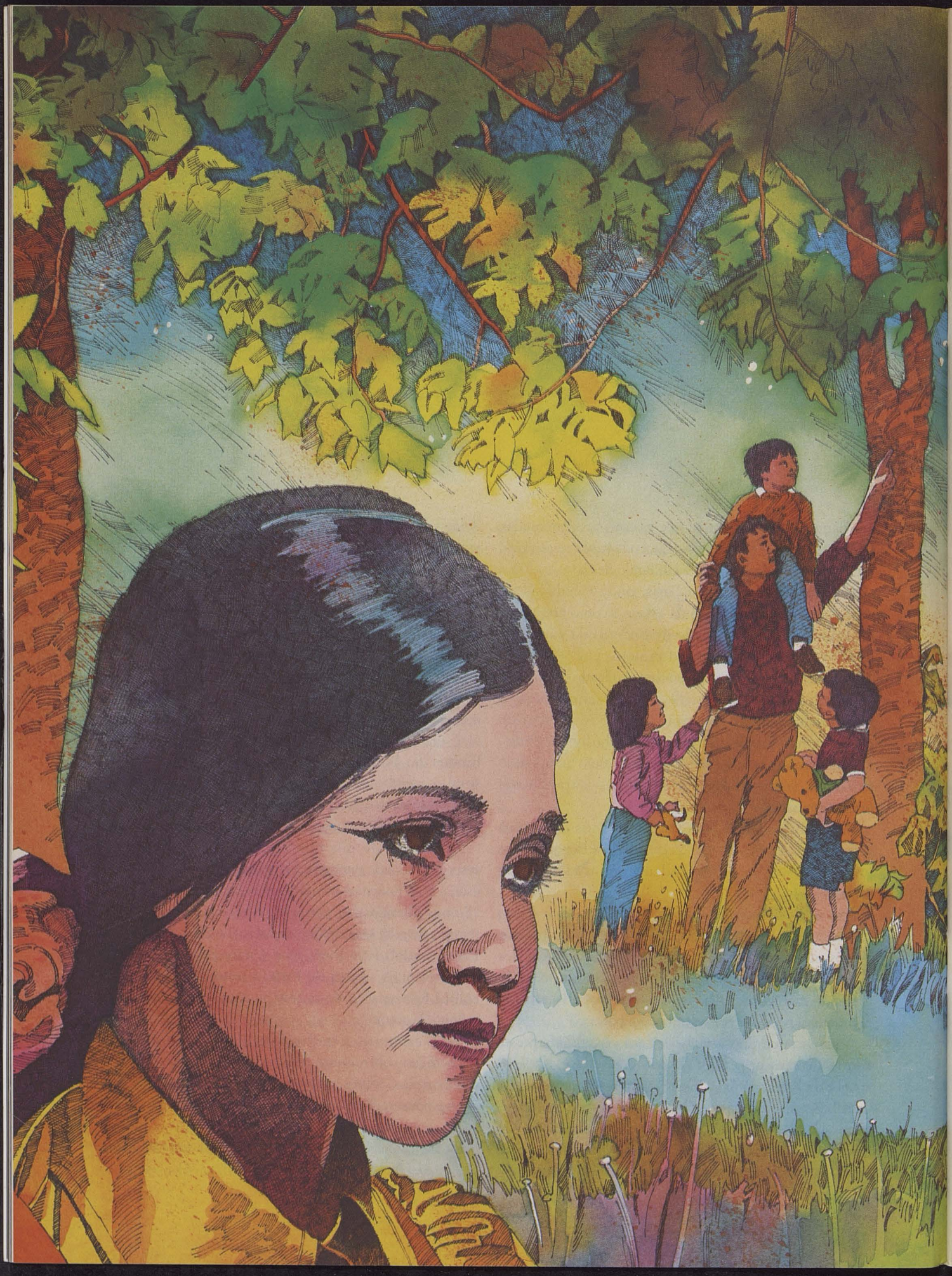
Quando lhe perguntam o que motiva seu trabalho, Cécile diz que nunca esquecerá a expressão de uma mulher que lhes levou uma criança desidratada e anêmica, suplicando: "Por favor, salvem minha neta!"

E ela sempre se lembra de grupos de criancinhas hindus em Banipur, orando reverentemente sozinhas, sem a ajuda de nenhum adulto. Ela se sente profundamente tocada pela riqueza espiritual que percebe naquelas crianças pobres.

"Cada um de nós tem uma missão nesta terra e responsabilidades em relação ao próximo, onde quer que esteja. Não podemos permanecer indiferentes", diz Cécile. "Somos abençoados porque conhecemos a verdade e temos esse relacionamento pessoal maravilhoso com nosso Pai Celestial. Para mim, esse é meu maior capital. A maneira mais segura de fazê-lo render dividendos é colocá-lo a serviço de outras pessoas. É uma corrente infinita de amor.

Não esperemos que a Igreja nos dê instruções específicas sobre como fazer o bem" diz ela. "Se nos esquecermos de nós mesmos, ajudando outros, seremos abençoados muito além do que podemos imaginar." □

Irmão Thierry Crucy, tradutor de materiais da Igreja, é membro da Ala Torcy, Estaca Paris França.



ILUSTRADO POR DICK BROWN

As Janelas do Céu

Yaeko Seki

Eu estava passando o dia com minha família, no Parque Nacional dos Alpes Japoneses, que fica cercado pelas montanhas dos Alpes do Norte. Meus filhos corriam animados. Eu estava grávida do nosso quarto filho e, como me sentisse um tanto cansada, deitei-me debaixo das árvores. Olhando para o céu azul e sem nuvens, comecei a pensar em nossos problemas financeiros. Senti um peso no coração e rompi em lágrimas. "Senhor, pagamos o dízimo integralmente. Sacrificamos tanto! Quando as janelas do céu se abrirão para nós e o peso de nossa carga será diminuído?"

Orei com todo meu coração. Depois me voltei para observar meu marido e meus filhos brincando e rindo juntos. A cena me transmitia muita paz e beleza. De repente, o Espírito me testificou que minhas bênçãos eram abundantes e que minha família era a maior bênção que o Pai Celestial poderia dar-me.

Desde a época em que fui batizada, aos dezessete anos, meu maior desejo era ter uma família repleta de amor. Agora que tenho o marido gentil e a família adorável que sempre desejei, tento nunca esquecer de agradecer a Deus por esse grande tesouro.

O Presidente Spencer W. Kimball disse certa vez: "O lar, a família é a vossa base... (,) filhos e pais amando uns aos outros e dependendo uns dos outros. É dessa forma que o Senhor planejou que vivêssemos" (Conferência Geral, outubro de 1974). O objetivo de viver com minha família por toda a eternidade está gravado em minha mente.

"Mãe, você está chorando?" pergunta-me sempre meu filho de três anos. Então eu o abraço e respondo: "Sim, querido, porque tenho uma família tão linda. Não posso deixar de chorar de alegria. Vamos dizer 'obrigado' ao Pai Celestial." □

ILUSTRADO POR DICK BROWN

CRISANTA JUAN

FOTOGRAFIA DE MARVIN K. GARDNER

Marvin K. Gardner

Crisanta Juan realmente não estava interessada em deixar a família nem Mayantoc, sua cidade natal, nas Filipinas. Muitas de suas amigas, porém, estavam se candidatando a empregos como babás, na Arábia Saudita. Se conseguissem os empregos, elas lhe disseram, poderiam ganhar muito dinheiro para mandar para casa. Pensando que aquilo não daria em nada, Crisanta, de vinte e cinco anos, assinou a proposta. Um mês depois, recebeu a notícia de que havia sido contratada por um príncipe saudita!

Quando o secretário do príncipe foi buscá-la, Crisanta ainda não estava convencida de que desejava ir. O homem não entendia sua hesitação.

"É um *privilégio* servir a uma família real!" disse ele.

"Mas não quero ir", respondeu ela. "Estou feliz aqui nas Filipinas."

"Por que? Qual o seu trabalho aqui?"

"Trabalho numa fábrica, e estou feliz assim", disse ela.

"Não quer um salário maior?"

"Não", respondeu ela. "Não preciso de mais dinheiro. Estou feliz."

Quanto mais ela se afastava de casa, mais medo sentia. "Não conseguia acreditar que eles quisessem contratar uma jovem desconhecida das Filipinas, para trabalhar para um príncipe!"

FOTOGRAFIA DE MARVIN K. GARDNER

O secretário insistiu em dizer que o príncipe *a* escolhera, e que ninguém mais serviria. E ele tinha já o passaporte dela pronto. Sentindo-se muito pressionada, Crisanta finalmente concordou em ir. Logo estava no avião a caminho da Arábia Saudita.

Quanto mais se afastava de casa, porém, mais medo sentia. Aterrorizada, ela se perguntava se tudo não passaria de uma brincadeira cruel. "Não conseguia acreditar que eles quisessem contratar uma jovem desconhecida das Filipinas, para trabalhar para um príncipe!"

Então chegou a hora do choque de ser levada ao palácio do príncipe. Crisanta nunca sonhara com tanta riqueza. Lá ela conheceu a bela princesa de dezenove anos (uma das esposas do príncipe) e a filha de dois anos, que deveria ficar aos seus cuidados.

A criança só falava árabe. "Como posso falar com sua filha?" Crisanta perguntou à princesa em inglês. "Eu não falo árabe."

"Você terá de aprender", respondeu a princesa. Crisanta, que se havia formado na universidade, começou a estudar árabe com um tutor. Em três meses, ela falava tão bem, que o príncipe lhe pediu que ensinasse árabe e inglês a sua filha. Ele aumentou-lhe o salário, porque ela iria trabalhar como preceptora, além de babá.

Não demorou muito para Crisanta se acostumar com seu novo estilo de vida. "Sentia-me como uma princesa", diz ela. "Não tinha de lavar nem passar minhas roupas, nem de cozinhar, ou de fazer qualquer outra coisa, a não ser lecionar e cuidar da criança." Andava em um carro luxuoso, com motorista. Comia bem — geralmente em uma mesa longa com o príncipe, suas esposas e filhos, e as outras babás. Ela falava quase diariamente com o príncipe sobre a filha, suas notas e seu desenvolvimento.

Crisanta era bem paga. Ela mandava dinheiro para a família, e eles reformaram a casa humilde que tinham nas Filipinas. Aprendeu também a gastar dinheiro consigo mesma. Logo tinha muitos vestidos novos, jóias caras e outros luxos. "Eu queria tudo, e então comprava", diz ela. "E eu não comprava coisas *baratas*!"

Depois de três anos, Crisanta voltou às Filipinas, para passar um mês de férias. Lá descobriu que seus pais e duas irmãs se haviam filiado à Igreja, e ela concordou em ouvir os missionários. Depois de quatro palestras, contudo, disse aos missionários que não estava sentindo nada e não queria continuar. "Por causa de minha vida luxuosa, eu não achava que tinha necessidade de uma vida espiritual", diz ela. Por alguma razão, porém, ela decidiu levar o Livro de Mórmon e os panfletos da Igreja

para a Arábia Saudita.

Quando Crisanta estava entrando novamente na Arábia Saudita, os funcionários do aeroporto acharam o Livro de Mórmon na sua bagagem e disseram-lhe que era ilegal entrar com o livro no país. "Mostrei-lhes a carta anexa ao meu passaporte", diz ela. "A carta dizia que eu podia entrar com qualquer coisa que quisesse." Os funcionários telefonaram ao príncipe. Ele pediu para falar com Crisanta.

"Esse livro é realmente importante para você?" perguntou ele. Ela respondeu que era. Ele deu permissão.

Naquela noite, Crisanta começou a ler. Ela notou que os missionários haviam marcado certas passagens do Livro de Mórmon, particularmente Morôni 10:4-5. "Comecei a ficar interessada", diz ela. "E percebi que, para entender todas essas coisas, tinha de perguntar a Deus. Então, orei a respeito do livro. Todas as manhãs, sentia-me inspirada a ler o livro, e todos os dias encontrava tempo para lê-lo. Percebi que realmente me estava ajudando espiritualmente. Senti que estava mais próxima de Deus e que minha vida havia mudado."

Crisanta escreveu para casa entusiasmada, falando sobre seu crescente testemunho. Eles lhe mandaram uma fita de sua noite familiar, com hinos e testemunhos. Crisanta foi especialmente tocada pelo testemunho da mãe e do pai. "Eles elevaram meu espírito, e eu chorei muito", diz ela.

Menos de um ano depois, ela quis ir para casa novamente, a fim de aprender mais sobre o evangelho, mas a princesa se recusou a dar-lhe licença, lembrando a Crisanta que ela tirara férias recentemente — e que prometera ficar mais três anos.

"Então, pedi permissão ao príncipe", diz ela, "e chorei muito." O príncipe cedeu, mas disse que ela precisava voltar em uma semana. Como garantia de que iria voltar, Crisanta só pôde levar consigo quatro vestidos. Suas outras roupas novas e todas as outras coisas que possuía e que havia conseguido nos anos em que estivera na Arábia Saudita, ela teve de deixar.

Em casa, nas Filipinas, Crisanta tornou a conversar com os missionários. "Eu lhes disse que, embora não me tivesse interessado antes, senti-me diferente quando li o Livro de Mórmon."

Durante a segunda visita, os missionários lhe pediram que orasse. "Senti algo cálido em meu coração — então comecei a chorar e não consegui continuar minha oração durante algum tempo. Senti todos os meus pecados e percebi a felicidade que havia conhecido desde que começara a ler o Livro de Mórmon. Senti que sou realmente uma filha do Pai Celestial, que realmente sou importante para ele. Depois de minha oração, disse aos missionários que queria ser batizada imediatamente."

Eles responderam: "Não, irmã. Temos de continuar as palestras." Ela foi batizada alguns dias depois, em 9 de abril de 1988.

A partir daquele momento, Crisanta perdeu interesse pela vida luxuosa que levava na Arábia Saudita. "Eu senti que tinha algo a fazer aqui nas Filipinas", diz ela. "Quanto mais tempo ficava aqui, mais feliz me sentia. Eu estava feliz porque aprendera a importância da vida — não apenas na mortalidade, mas também depois dela. Aprendera que a família é importante. E descobrira que tenho de pôr Deus diante de tudo — que tenho de servi-lo.

Também havia aprendido que o dinheiro não me pode fazer feliz. Na Arábia Saudita, eu apreciava o luxo, mas quando me filiei à Igreja, percebi que essas coisas não têm valor — nada são para mim. Tudo o que faço na Igreja me dá mais alegria que essas outras coisas que tinha. Assim, tive de sacrificá-las."

Depois de alguns dias, o príncipe lhe telefonou da Arábia Saudita, dizendo que precisava voltar, porque o bebê a estava esperando.

"Quero prolongar minhas férias", disse-lhe ela.

"Queremos que volte", disse o príncipe. "O bebê quer que volte."

"E eu realmente sinto saudades do bebê", disse Crisanta, "mas sinto que tenho um trabalho a fazer aqui."

"O que é?" perguntou o príncipe.

Crisanta então lhe contou que queria cumprir uma missão para a Igreja — e que não poderia voltar à Arábia Saudita nos dois anos seguintes. Convencido de que ela falava sério, o príncipe a desobrigou do compromisso. "Pode voltar à Arábia Saudita daqui a dois anos, se quiser", disse ele, "mas a princesa não pode esperá-la."

Um mês depois, Crisanta ficou

Enquanto se preparava para a missão de tempo integral, Crisanta (terceira a partir da direita) serviu como missionária de estaca. Aqui ela participa do almoço, no dia de preparação, com outros missionários de estaca e de tempo integral.

sabendo que o príncipe contratara outra babá. A nova babá e Crisanta se corresponderam muitas vezes, trocando notícias e idéias sobre o bebê. "A princesinha sempre perguntava quando eu iria voltar", diz ela.

Em sua terra, Crisanta serviu como professora e presidente da Primária, e como missionária de estaca. Ela trabalhava em um banco para ganhar dinheiro para a missão. "Se eu pudesse trazer de volta todo o dinheiro que gastei antes!" diz ela. "Ah, eu tinha tanto! Eu era louca, antes — completamente louca!"

Exatamente um ano depois do batismo, Crisanta recebeu sua investidura no Templo de Manila. Dois meses mais tarde, em junho de 1990, foi chamada para a missão. Atualmente, está servindo nas Filipinas, sua terra natal.

Todos perguntam por que ela sacrificou tanto por sua missão. "Digo-lhes que agora estou mais feliz do que antes."

"Vale *realmente* a pena?" perguntam-lhe.

"Sim, vale *realmente* a pena", ela lhes diz.

Quais são seus planos para depois da missão?

"Quero ir aonde o Pai Celestial desejar", diz ela. "Se ele me levar novamente para a Arábia Saudita, é isso que ele quer para mim."

Ela, porém, não tem certeza. "Já tive uma vida luxuosa e as coisas que a acompanham. Quando tinha muito dinheiro, não conhecia Deus, não conhecia Jesus Cristo e só queria comprar tudo o que via! Acabei, no entanto, percebendo que essas coisas não são importantes para mim. Outras coisas são mais preciosas, mais valiosas.

Agora quero uma vida simples", diz ela. "Quero servir a meu Pai Celestial. Quero ser amada por ele. Quero amá-lo." □

FIDENCIA GARCÍA DE ROJAS

A VIDA DE UMA PIONEIRA MEXICANA

Agustín Rojas Santos

Mais de 2.500 santos dos últimos dias mexicanos se reuniram em 25 de junho de 1989 para a criação da Estaca Tecalco México, aproximadamente 50 quilômetros ao sul da Cidade do México. Era a centésima estaca organizada naquele país. Entre os membros da nova estaca estava Fidencia García de Rojas – com 106 anos – o membro mais velho da Igreja no México. A Igreja no México passara por outro marco histórico, durante os oitenta e oito anos em que Fidencia fora membro.

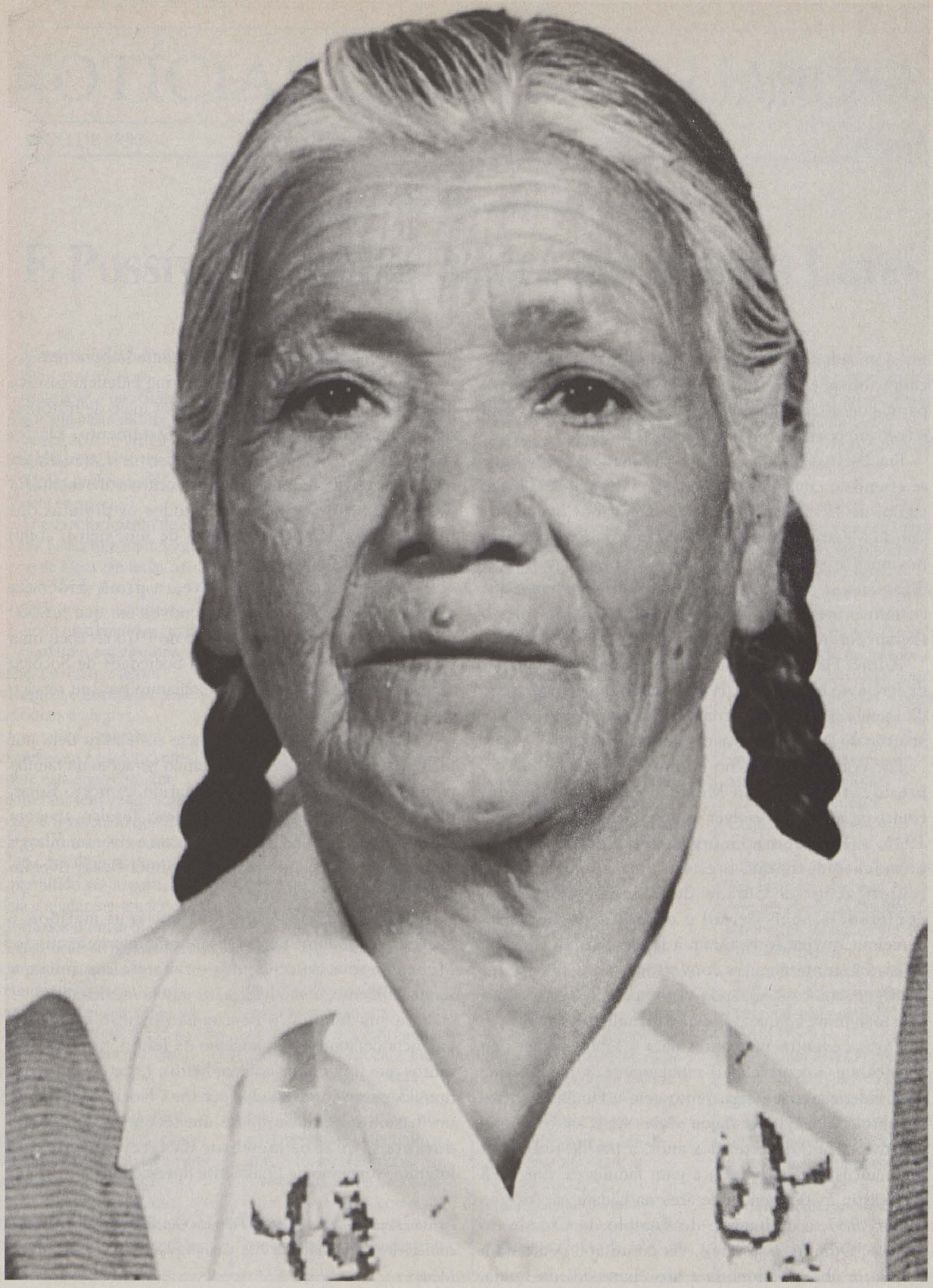
Quando a irmã Fidencia morreu, um mês e meio depois, o presidente Felipe Hernández Luis, da Estaca Tecalco, comentou que aqueles que assistiam ao funeral participavam de um outro momento histórico – a morte de uma pioneira mexicana.

A irmã Fidencia começou a assistir às reuniões da igreja dos santos dos últimos dias entre 1889 e 1901. Nesse período, a Igreja fechara a Missão Mexicana. Em conseqüência, os líderes da Igreja no México recebiam pouca orientação da sede da Igreja, e muitas unidades se afastaram das doutrinas e práticas estabelecidas. Durante esse tempo, a irmã Fidencia e sua família – que ainda não pertenciam à Igreja – freqüentavam o Ramo Tecalco.

Quando o presidente Ammon M. Tenney foi a Tecalco em 1901, para reorganizar o ramo depois que a missão reabriu, o líder do ramo, Julian Rojas, a princípio não queria renunciar ao controle do ramo. Irmão Rojas por fim cedeu, e o presidente Tenney o rebatizou, juntamente com outros setenta e cinco membros, em 18 de agosto. Um mês depois, o Presidente Tenney batizou Fidencia, seus pais e avós. A partir daquele dia, a irmã Fidencia dedicou a vida ao serviço do Senhor.

Ela lembrava que, depois que o Ramo Tecalco ficou novamente em contato com a sede da Igreja, muita gente começou a batizar-se. Os primeiros missionários de tempo integral logo chegaram, e os pais de Fidencia construíram mais um quarto na casa, para eles morarem. O número de membros crescia, e a irmã Fidencia fez parte do grupo de membros e missionários que trabalhou muito para comprar um terreno, a fim de construir uma capela SUD. Ela também ajudou os missionários de Ozumba, uma cidade próxima, com alojamento, roupas e alimentação, e trabalhou na casa da missão mexicana.

Durante sua permanência na casa da missão, os



missionários americanos ensinaram irmã Fidencia a cantar hinos em espanhol e em inglês. Mais tarde, ela participou do legendário Coro de Tecalco e cantou com o coro até poucos anos antes de sua morte.

Em 1910, o México entrou em uma guerra civil que se estendeu, com interrupções, até a década de 30. Em agosto de 1913, os missionários americanos tiveram de sair do México, e os líderes mexicanos da Igreja ficaram novamente sozinhos. A Igreja, porém, estava já bem organizada, e a guerra civil não impediu seriamente que os santos mexicanos administrassem a Igreja. Eles o fizeram por mais de quatro anos.

A irmã Fidencia testemunhou uma crise ainda maior da Igreja no México, em 1936, quando um grande grupo de membros conhecido como a Terceira Convenção se apartou do grupo principal de santos mexicanos.

Por volta de 1942, no entanto, Arwell L. Pierce, presidente da Missão Mexicana recém chamado, começara agir para resolver os desentendimentos. E, em 1946, o Presidente George Albert Smith, oitavo presidente da Igreja, presidiu uma conferência de reunificação na Cidade do México. Durante a conferência, mais de mil e duzentos membros da Terceira Convenção voltaram à Igreja. A irmã Fidencia assistiu à conferência e conversou com o Presidente Smith em sua casa. Quando viajou para Tecalco, a casa dela foi a primeira que o Presidente Smith visitou.

Outros eventos marcantes para a Igreja no México começaram a ocorrer mais rapidamente, à medida que irmã Fidencia envelhecia. Junto com a família e outros membros da Igreja, ela viajou várias vezes até o Templo do Arizona, no decorrer dos anos, a fim de realizar as ordenanças para si própria e para familiares. Em 1972 ela assistiu à conferência de área na Cidade do México e, em 1983, a dedicação do Templo da Cidade do México. Durante esses anos, ela continuou dedicada à família, à obra missionária e aos chamados na Igreja, dois dos quais lhe foram particularmente importantes.

Como professora da Primária, a irmã Fidencia gostava de ensinar o evangelho às crianças por meio de histórias, especialmente história do Velho Testamento. Ela fez com que seus alunos amassem as escrituras, que ela lia diariamente. E freqüentemente contava de memória eventos e histórias da vida de todos os profetas dos últimos dias. Ela ensinou muitos de seus netos, como professora da Primária.

Como professora visitante, a irmã Fidencia completou quarenta anos consecutivos em que fez 100 por cento das visitas. Em fevereiro de 1978 recebeu uma homenagem, por esse trabalho da Sociedade de Socorro e dos líderes de missão, que a elogiaram por seu serviço e compaixão.

A posteridade da irmã Fidencia se lembra dela por uma proeza ainda maior: trazer cinco gerações da família para a Igreja. Ela e o primeiro marido, Aniceto Rojas, filho de Julian Rojas, do antigo Ramo Tecalco, tiveram seis filhos, dois dos quais sobreviveram e tiveram filhos e netos. Ela e o segundo marido, Manuel Rosas tiveram três filhos.

A irmã Fidencia viveu mais que seus maridos, e chegou a ver muitos netos e bisnetos cumprirem missão. Muitos de seus descendentes serviram e continuam a servir fielmente, como líderes, os santos mexicanos.

Para sua família, o bem mais precioso que Vovó Fidencia deixou foi o Evangelho de Jesus Cristo. Para os santos que foram seus companheiros, os muitos anos de humildes serviços prestados por irmã Fidencia deixaram um legado que durou quase um século — um século durante o qual os membros da Igreja no México lutaram, venceram, e finalmente floresceram. □

Agustín Rojas Santos, bisneto de Fidencia García de Rojas, serve como conselheiro no bispado da Ala Cuauhtemoc, Estaca Iztapalapa México.

FOTOGRAFIA DE STEVE BUNDERSON

SEÇÃO INFANTIL

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • MARÇO DE 1992

WILFORD WOODRUFF

Kellene Ricks

1. Wilford adorava brincar com seus dois irmãos, Thompson e Azmon. Eles passavam muitas horas felizes, brincando no celeiro ou no campo.

ILUSTRADO POR PAUL MANN

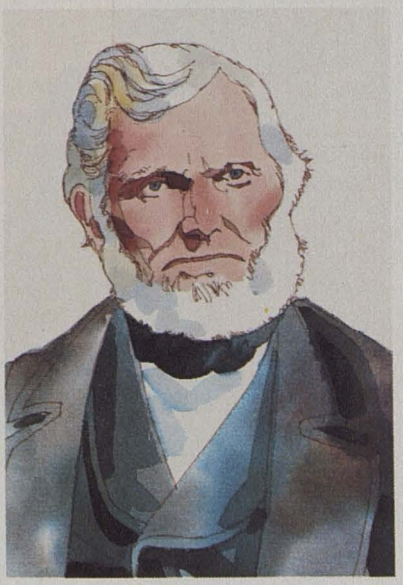
2. Certa vez, numa noite de sábado, os meninos estavam sentados do lado de fora da casa, sem nada para fazer. Thompson sugeriu que explorassem o sótão.

3. Seu pai dissera-lhes que não brincassem no sótão, pois ali era escuro e perigoso. Wilford hesitou porque não queria desobedecer ao pai. O mistério do sótão, porém, atraiu-o de tal forma que ele concordou em participar da aventura.

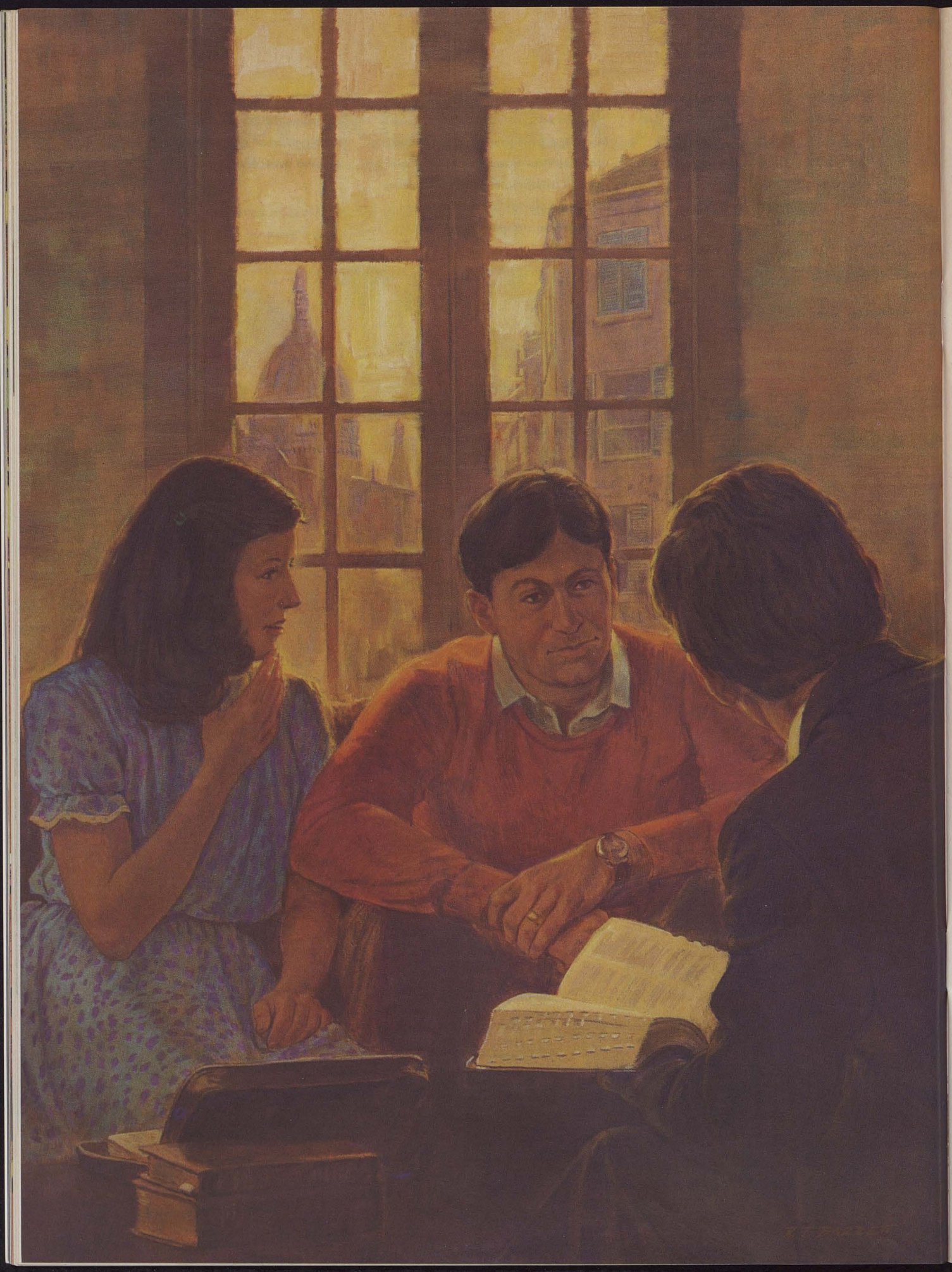
4. Os meninos subiram correndo os degraus da escada, ansiosos de ver os "tesouros" que encontrariam no quarto proibido.

5. Quando Wilford já estava no último degrau, ele tropeçou e rolou escada abaixo.

6. Wilford sentiu uma dor horrível no braço e percebeu que o tinha quebrado. Levou bastante tempo para o braço ficar bom, e Wilford aprendeu como era importante ser obediente.

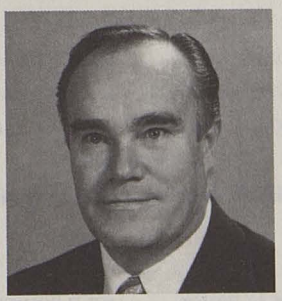


7. Dali por diante, Wilford não só passou a obedecer aos pais, mas também ao Senhor. Muitos anos mais tarde, Wilford Woodruff tornou-se o quarto Presidente da Igreja. □



ILUSTRADO POR ROBERT T. BARRETT

ÉLDER JAMES M. PARAMORE



De uma entrevista com Élder James M. Paramore, da Presidência dos Setenta; por Kellene Ricks

Fui enviado à França como missionário em 1949. A obra missionária naquela época era bem diferente da obra missionária de hoje. Não havia nenhum Centro de Treinamento Missionário, por isso, quando cheguei a Paris, eu não recebera nenhum treinamento de francês. Não havia um conjunto de lições para ensinar aos pesquisadores. Cada missionário usava um método diferente para ensinar o evangelho.

Eu estava em Paris havia poucas semanas quando meu companheiro recebeu a notícia de que sua mãe estava morrendo de câncer. Como o fim de sua missão estava bem próximo, o presidente lhe deu permissão para voltar para casa mais cedo e ver a mãe. Se aquilo tivesse ocorrido hoje, outro élder teria sido transferido para minha área, para ser meu companheiro. Naqueles dias, porém, tive que trabalhar sozinho até que fossem feitas as transferências de toda a missão.

Antes da partida dele, meu companheiro e eu marcamos algumas lições. Eu sabia que deveria cumprir aqueles compromissos. Não tinha idéia do que fazer. Não sabia francês e não existiam palestras preparadas. Eu estava nervoso e amedrontado.

Comecei a ler o Livro de Mórmon e a orar o mais fervorosamente possível. Eu orava, depois lia, depois orava de novo e lia mais um pouco. Isso continuou por vários dias.

Finalmente chegou a hora de ir ao meu primeiro compromisso — a família Alvarez, um casal muito simpático que começáramos a ensinar. Quando fui visitá-los, não sabia o que iria dizer. Eu tinha um testemunho do evangelho e da restauração, mas não sabia francês.

Quando, porém, fui ver essa família, o Senhor assumiu o controle. Ensinei-os durante duas horas. Tenho certeza de que não foi num bom francês, mas consegui transmitir-lhes o que sentia a respeito do evangelho. Eles entenderam a mensagem e foram tocados pelo Espírito.

Naquela noite, quando voltei ao meu apartamento, eu sabia que existia realmente um Pai nos Céus e que ele me chamara para uma missão. Sabia que o Pai Celestial olhara por mim, que me ajudara — tinha desatado minha língua —e cuidava de todos os missionários. Foi o primeiro testemunho espiritual que obtive na vida sobre a veracidade desta obra. Cumprir uma missão foi uma das maiores bênçãos que recebi. □

ILUSTRADO POR ROBERT T. BARRETT

A Decisão de Marco

Paula Hunt

"Lembra-te do dia do sábado, para o santificar" (Êxodo 20:8).

Marco diminuiu o ritmo dos passos já lentos. Por alguma razão, não tinha vontade de ir para casa almoçar. Normalmente, Carlo corria com ele para casa, mas o amigo estava zangado.

"Por que você não pode jogar no campeonato?" perguntou Carlo.

"Porque é no domingo."

"Se você não jogar, vamos ser desclassificados", gritou Carlo. "Com o Giuseppe doente, você é o nosso único goleiro. Você *tem* que jogar!"

Quando Marco chegou em casa, não queria mesmo entrar. Sabia, no entanto, que os pais o esperavam, por isso subiu vagarosamente os degraus da escada até o apartamento.

Sua mãe já estava pondo a comida na mesa. "Eu estava começando a ficar preocupada", disse ela sorrindo. "Corra e vá se lavar."

Marco não sentia vontade de comer, mas depois da bênção do alimento mordeu o pão torrado e quentinho. Depois, começou a comer vorazmente os bolinhos cobertos com o molho de tomate picante que a mãe preparara. Depois de saborear o delicioso prato, começou a sentir-se melhor.

"Há alguma coisa errada?" perguntou a mãe. "Você está quieto hoje."

"Eles escalaram a equipe de futebol da escola."

"E aí?"

"Tenho que jogar no domingo."

O pai e a mãe ficaram em silêncio por um minuto. Eles sabiam que a equipe de Marco, os Flechas Luminosas, tinha lutado muito por uma oportunidade de ser a equipe principal de toda a Milão, na Itália. O pai parecia perplexo. "Você quer dizer que todos os jogos são no domingo?"

"Não. As quartas de final e as semifinais são no sábado. Os ganhadores de sábado jogam a partida final no domingo."

Marco viu surgir um brilho nos olhos castanhos do pai.

"Anime-se, Marco!" disse ele alegremente. "Talvez a sua equipe perca no sábado! Assim você não terá que jogar no domingo!"

Marco também sorriu, mas os Flechas Luminosas estavam muito bem. Tinham possibilidade de ganhar ambos os jogos no sábado. "Giuseppe está com gripe e Tommaso machucou o tornozelo", explicou ele. "Se ganharmos no sábado, terei que jogar no domingo ou seremos desclassificados. O que vou fazer?"

A mãe abraçou o filho. "Nós lhe ensinamos o que é certo. Se a sua equipe ganhar no sábado, tenho certeza de que você tomará a decisão certa. Agora coma ou vai chegar atrasado na escola."

Na escola, alguns meninos cochichavam e encaravam Marco. Carlo limitou-se a ignorá-lo. Foi duro para Marco perder seu melhor amigo.

No treino daquela noite, Carlo finalmente conversou com ele. "Mudou de idéia?" perguntou com raiva.

Marco também começou a ficar zangado, mas logo se lembrou do pai e deu um largo sorriso para Carlo. "Eu acho que é melhor nós treinarmos para valer e ganharmos os jogos de sábado", disse ele. "Se você não praticar os chutes, não vamos nem precisar pensar no domingo!"

Na sexta-feira à noite, Marco sentia-se agitado e tenso. Preferia que seus pais lhe tivessem dito que ele não poderia jogar. Assim os meninos poriam a culpa *neles* e não em Marco. Mesmo sentindo-se mal com a tensão da expectativa, Marco ajoelhou-se para orar. Orou fervorosamente e aguardou uma resposta. Esperou, esperou, mas nada aconteceu. Ele pensou que talvez o Pai Celestial não o tivesse escutado. Pouco depois, uma sensação cálida envolveu-o e ele sentiu uma profunda paz de espírito. Toda a ansiedade que o atormentava desapareceu. Ele sabia que tudo correria bem.

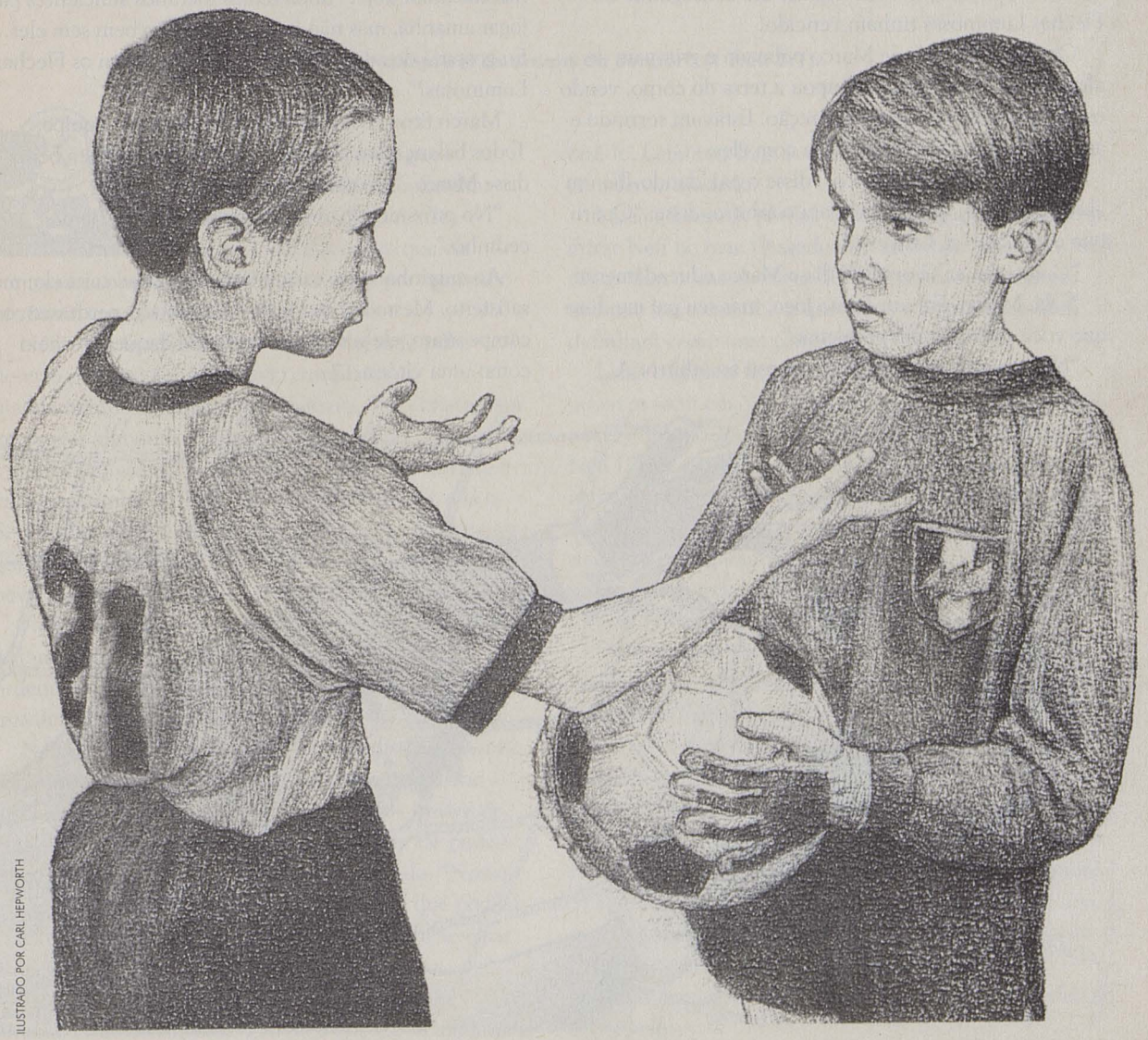
O sábado chegou. Uma manhã clara e ensolarada. Só umas poucas nuvens pairavam no céu. Ventava gostoso e o ar fresco era estimulante. Um dia perfeito para um jogo de futebol.

A equipe de Marco estava bem preparada e ganhou facilmente a primeira partida. Depois do almoço, os meninos olharam a escala de jogo para a tarde.

"Jogamos com os Tigres!" disse Carlo com um gemido na voz. "Eles têm os maiores jogadores do torneio."

"E os mais rápidos", acrescentou Marco. "Vamos ter que dar duro para vencê-los." Por um lado, Marco queria ganhar o jogo, mas uma parte dele queria perder, pois assim ele não teria que se preocupar em jogar no domingo.

Foi uma partida disputadíssima. Os velozes jogadores dos Tigres marcaram o primeiro gol, mas os Flechas Luminosas reagiram e empataram. Depois disso as duas equipes



ILUSTRADO POR CARL HEPWORTH

altenaram os gols, chegando aos últimos minutos de jogo empatados em 4 a 4. Carlo, então, cabeceou a bola direto para a rede, colocando os Flechas Luminosas na frente.

Faltando menos de um minuto para o término da partida, Carlo pegou a bola de novo, driblou os Tigres em direção ao gol. Logo em seguida, porém, tropeçou e perdeu a bola! Os Tigres trouxeram-na de volta com ligeireza, em passos firmes e seguros, na direção de Marco.

Marco posicionou-se em frente do gol enquanto corriam os últimos segundos de jogo. Se ele defendesse a bola, os Flechas Luminosas ganhariam.

Um dos Tigres adiantou a bola — bem firme! Ela foi direcionada para o canto da rede, fora do alcance de Marco. O coração dele parecia ter parado de bater. Marco pulou para a direita com toda a força. A bola bateu na sua mão, ricocheteando. Ele conseguira! Os Flechas Luminosas tinham vencido!

Os companheiros de Marco pulavam e gritavam de alegria. Ele levantou-se e limpou a terra do corpo, vendo os pais caminharem em sua direção. Estavam sorrindo e acenavam-lhe. O árbitro estava com eles.

"Foi um bom jogo, Marco", disse o pai, dando-lhe um abraço. Depois, virando-se para o árbitro, disse: "Quero que conheça o sr. Giovetti."

"Como vai, sr. Giovetti?" disse Marco educadamente.

"Olá, Marco. Foi um ótimo jogo, mas seu pai me disse que você está com um problema."

"Não posso jogar amanhã", contou ao árbitro. A equipe será desclassificada porque não temos goleiro de reserva."

"Por que você não pode jogar?"

"Porque o jogo é durante a reunião sacramental da minha igreja", explicou Marco, "e eu preciso estar lá. Mesmo que o jogo fosse em outro horário, eu não jogaria no domingo."

"Entendi." O árbitro pensou por um momento, depois disse: "Espere aqui. Eu volto num instante."

A equipe reuniu-se. Quando o sr. Giovetti retornou, havia outro homem com ele. "Marco, este é o sr. Luigi. Ele é o técnico da equipe que vai jogar com vocês amanhã."

"Olá, Marco" disse o Sr. Luigi. "Parece que temos o mesmo problema. Dois de nossos melhores jogadores se machucaram hoje. Ainda temos meninos suficientes para jogar amanhã, mas não nos sairemos tão bem sem eles. Eu gostaria de adiar a partida. Concordariam os Flechas Luminosas?"

Marco fitou os amigos e o técnico de sua equipe. Todos balançaram a cabeça, concordando. "Está bem!" disse Marco. "Quando vamos jogar?"

"No próximo sábado", respondeu o juiz. "Bem cedinho."

Ao caminhar para casa, Marco sentia-se cansado, mas satisfeito. Mesmo se os Flechas Luminosas perdessem o campeonato, ele sempre se lembraria daquele torneio como uma vitória. □

NÉFI CONSTRÓI UM NAVIO

Virginia Pearce

"Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor" (1 Néfi 3:7).

Néfi escreveu as coisas que aconteceram com ele e sua família. Lemos sua história no Livro de Mórmon. Uma das coisas que ele contou foi sobre as bênçãos que recebeu por construir um navio como o Senhor ordenara.

Néfi e sua família tinham estado viajando pelo deserto por oito anos. Quando cumpriam os mandamentos o Senhor os abençoava, eles conseguiam encontrar alimento e tinham saúde e força.

Um dia a voz do Senhor disse a Néfi: "Levanta-te e vai à montanha" (1 Néfi 17:7). Néfi obedeceu, e lá o Senhor lhe disse: "Tu construirás um navio da maneira que eu te mostrarei, a fim de que eu possa levar o teu povo através destas águas" (1 Néfi 17:8).

Néfi não sabia como construir um navio, nem tinha ferramentas para isso. Sabia, contudo, que Deus ordenara que o fizesse e se "esforçava em guardar os mandamentos do Senhor" (1 Néfi 17:15).

Néfi orou por orientação. O Senhor disse a ele onde encontrar minério para fazer ferramentas e deu-lhe instruções sobre a construção do navio. Os irmãos de Néfi, Lamã e Lemuel, não acreditavam que ele pudesse construir um navio e recusaram-se a ajudá-lo. "Nosso irmão é um louco", diziam eles, "pois pensa que poderá construir um navio; e pensa até que poderá atravessar estas grandes águas" (1 Néfi 17:17).

Néfi disse a Lamã e Lemuel que o Senhor lhe ordenara que construísse o navio e que ele os ajudaria a fazê-lo. Lembrou-lhes as muitas vezes em que o Senhor já os havia ajudado.

Lamã e Lemuel, porém, ficaram zangados e quiseram atirar Néfi no mar. Quando eles tentaram agarrá-lo, Néfi disse: "Em nome do Deus Todo-Poderoso ordeno-vos que não me toqueis...; e quem puser as mãos em mim definhará como uma cana seca" (1 Néfi 17:48).

Lamã e Lemuel ficaram tão amedrontados que não ousaram tocar em Néfi. Muitos dias depois, o Senhor disse a Néfi: "Estende outra vez a tua mão para teus irmãos" (1 Néfi 17:53). Quando ele assim o fez, seus irmãos foram abalados pelo poder do Senhor. Lamã e Lemuel souberam, então, que o Senhor havia ordenado a Néfi que construísse o navio e começaram a ajudá-lo. Estando o navio pronto, puseram nele todas as coisas de que precisavam para viajar. Depois, navegaram para a terra prometida.

Deus ajudou Néfi e seu povo a obedecerem ao mandamento de construir um navio. Ele mostrou-lhes como fazer ferramentas e como executar a obra que ordenara. Seguindo a orientação do Senhor, sentiram reverência não só pelo Pai Celestial, mas também uns pelos outros.

O Senhor ordena que sejamos honestos, que vamos à igreja, sejamos amáveis, paguemos o dízimo e muitas outras coisas. Ao orarmos por ajuda para guardar seus mandamentos, ele nos dará a coragem e a orientação de que precisamos. Quando obedecermos a seus mandamentos, sentiremos reverência pelo Pai Celestial e por Jesus.

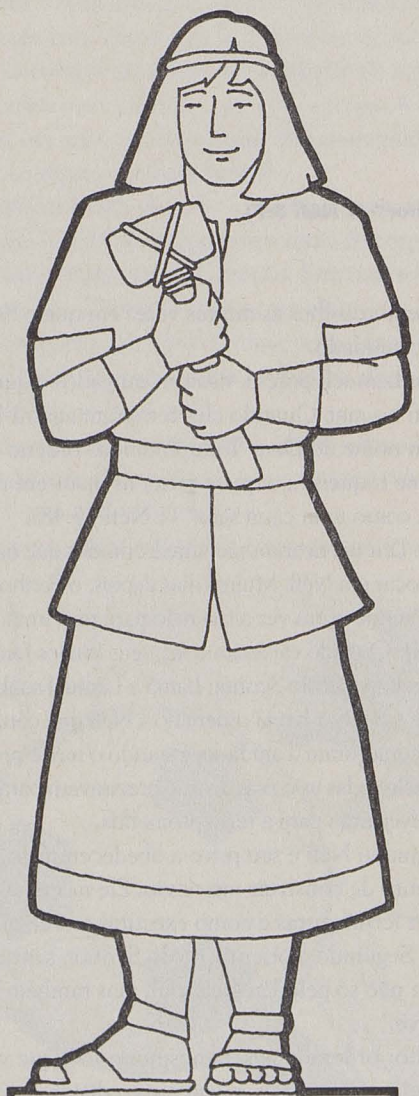
Instruções

Monte as figuras das páginas 10-11 numa cartolina. Pinte e recorte as figuras. Ponha areia numa caixa rasa e acrescente conchas e outros objetos para imitar uma praia. Dobre as abas das figuras para trás como indicado. Arrume-as dentro da caixa à medida que conta a história da obediência de Néfi ao mandamento de Deus de construir um navio.

Idéias para o Tempo de Compartilhar

1. Faça com que as crianças menores desenhem uma figura de si mesmas ou de suas famílias, obedecendo a um mandamento — indo à igreja ou orando, por exemplo. Peça a algumas delas que mostrem suas figuras ao grupo. Converse com elas sobre o modo como o Pai Celestial nos ajuda a guardar os mandamentos e converse sobre a reverência que desenvolvemos ao obedecer-lhe.

2. Oriente cada líder da Primária a preparar uma história do Livro de Mórmon que ensine a respeito da importância de



dobre aqui

NÉFI

dobre aqui

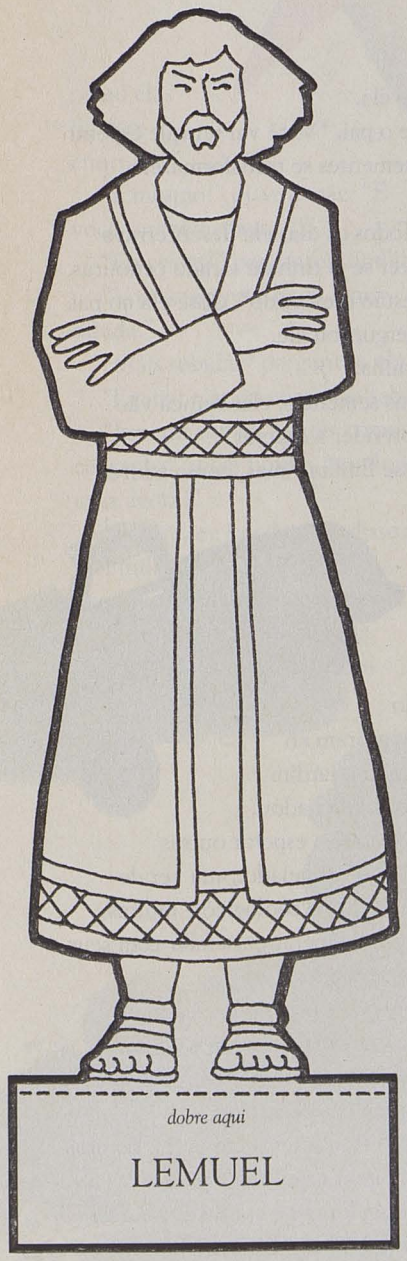
LAMÃ

ILUSTRADO POR SHAUNA MOONEY KAWASAKI

guardar os mandamentos. Divida as crianças em grupos e faça que circulem pelas diferentes áreas da sala, para ouvir a apresentação de cada líder.

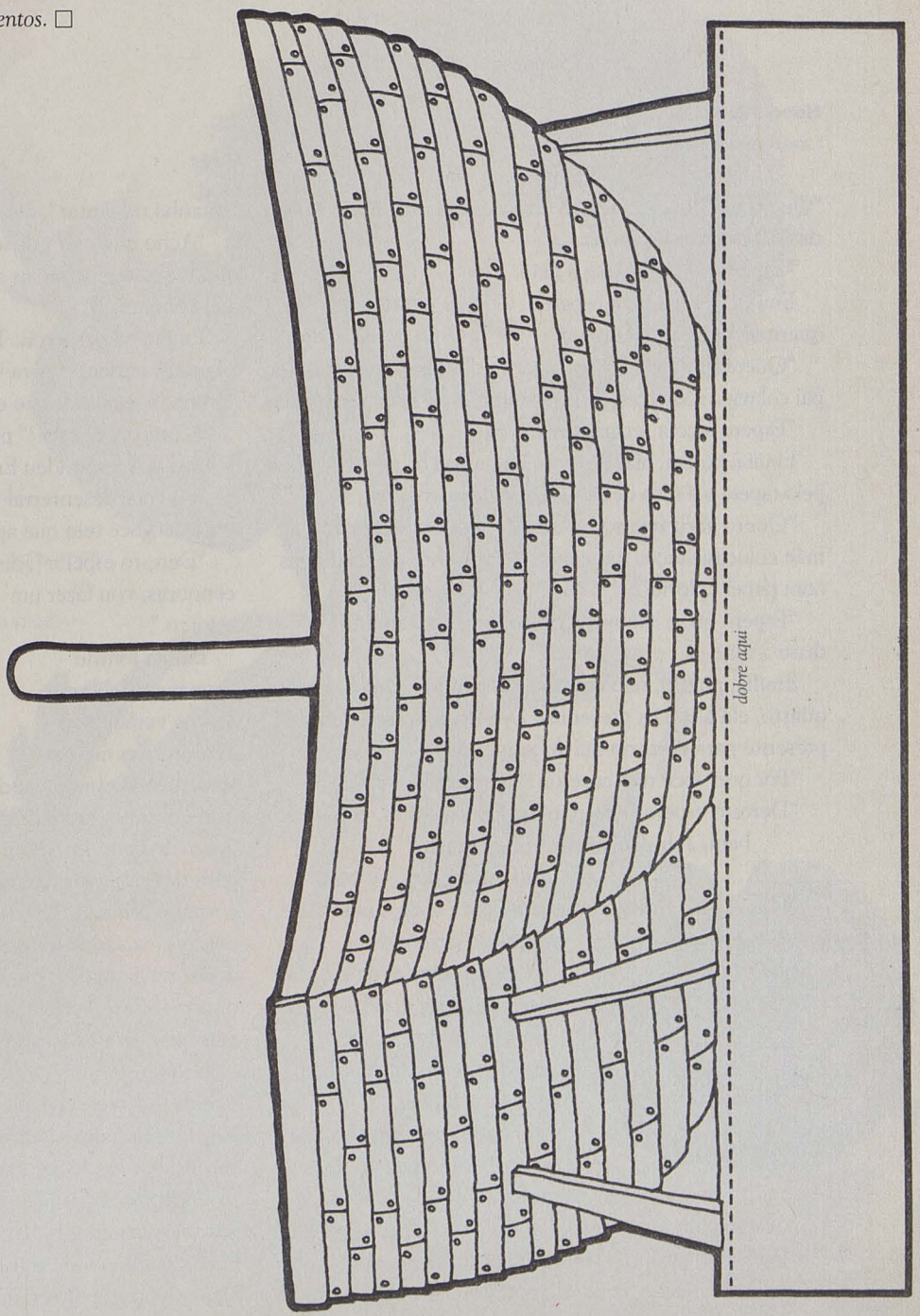
3. Dramatize histórias do Livro de Mórmon que mostrem como a obediência aos mandamentos traz bênçãos do Pai Celestial.

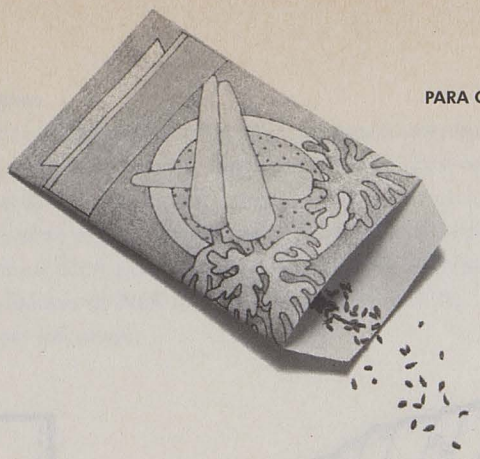
4. Ressalte como as crianças estão obedecendo aos mandamentos. Diga-lhes como notou essa obediência. Peça-lhes que relatem situações em que observaram outras crianças obedecerem aos mandamentos. □



dobre aqui

LEMUEL





PARA OS AMIGUINHOS

Emília

Nancy Alberts

ILUSTRADO POR SHAUNA MOONEY KAWASAKI; FOTOGRAFIA DE WELDEN ANDERSEN

"Quero um biscoito", disse Emília enquanto sua mãe tirava biscoitos do forno.

"Espere esfriar", disse a mãe.

Emília, porém, não esperou. Comeu um biscoito quente e queimou a língua.

"Quero brincar com isso agora", disse ela, enquanto seu pai colava a roda traseira do caminhão de brinquedo dela.

"Espere a cola secar", disse o pai.

Emília, porém, não esperou. Empurrou o caminhãozinho pelo tapete e a roda desprendeu-se de novo.

"Quero abrir meus presentes", disse ela, enquanto a mãe colocava laços nas caixas de presente embrulhadas com papel colorido.

"Espere até o seu aniversário, que é só amanhã", disse a mãe.

Emília, porém, não esperou. Assim que a mãe saiu do quarto, ela abriu os presentes. Depois, não teve nenhum presente para abrir no dia do aniversário.

"Por que você não esperou?" perguntou o pai.

"Detesto esperar", respondeu Emília, "mas, pensando bem, acho que devia ter esperado."

No dia seguinte, o pai levou-a para fazer compras de artigos de jardinagem. Comprou mudas de cebola e sementes de ervilha e feijão. "Pode escolher algumas sementes também", disse ele a Emília.

"Eu adoro cenouras", disse ela. Seu pai então pegou um pacote de sementes de cenoura.

Emília ajudou o pai a plantar as cebolas, as ervilhas e os feijões no jardim. Depois, plantou sozinha uma fileira de cenouras. "Podemos comer minhas cenouras amanhã no jantar", disse ela.

"Acho que não", disse o pai. "Você vai ter que esperar um longo tempo até as sementes se transformarem em cenouras."

Emília não esperou. Todos os dias ela desenterrava algumas sementes para ver se já tinham virado cenouras. "Minhas sementes não estão crescendo", disse ela ao pai.

"Como você sabe?" perguntou ele.

"Eu vi", respondeu Emília.

"Se você desenterrar as sementes, elas nunca vão crescer. Você tem que aprender a esperar."

"Detesto esperar", disse Emília, "mas, como adoro cenouras, vou fazer um esforço."

Emília tentou firmemente durante todo o verão. Não desenterrou mais as sementes, mesmo quando as mudinhas verdes despontaram ao longo do canteiro, e capinou o jardim para tirar as ervas daninhas. Ela nadou, correu e brincou. Aprendeu até a esperar outras coisas — a água virar gelo no congelador, sua vez de andar na garupa de um camelo no zoológico e muitas outras coisas. Aprendeu até a esperar para falar com seus pais quando eles estavam ocupados.

Enquanto Emília esperava, as plantas cresciam no jardim. Quando chegou a época, ela ajudou a colher vagens de ervilhas, feijões amarelos e grandes cebolas verdes. Por fim, chegou a vez das cenouras.

O pai mostrou-lhe como tirar a terra em volta, segurar nos talos verdes e puxar as cenouras uma por uma. Emília encheu um cesto com longas e gordas cenouras. Depois correu para casa e foi mostrá-las à mãe. "Olhe

Não Esperou

como elas ficaram enormes!"

"É mesmo!" disse a mãe. "E você também cresceu!"

"Eu cresci?" perguntou Emília.

"Você cresceu e ficou mais sabida."

"Mais sabida?" perguntou ela.

"Esperar tornou você mais sabida."

"Esperar me fez querer comer cenouras", disse Emília, "então vou comer uma agora!"

"Espere, eu vou lavar", disse a mãe.

Emília, porém, não esperou. Pegou uma cenoura bem grande e lavou-a ela mesma. "Agora vou comer a melhor cenoura que já comi na vida", disse ela, e comeu. □

SÓ PARA DIVERTIR

ACHE O PAR DOS ANIMAIS

Os animais embarcaram na arca de Noé. Poderia ajudá-los a encontrar seus companheiros? Com lápis preto ou lápis de cor, trace uma linha para unir cada par.

ILUSTRADO POR SHERRY MEIDELL

Barbara Johns

MINHAS MÃOS PODEM FICAR REVERENTES NA IGREJA

Para ajudar a mostrar amor pelo Pai Celestial e por Jesus, é preciso ficar reverente na igreja. O que fazemos com as mãos é uma parte importante da reverência. As figuras abaixo vão mostrar o que as mãos devem fazer na igreja.

Deixe as mãos quietas quando for hora de escutar.

Levante a mão quando quiser dizer algo na Primária.

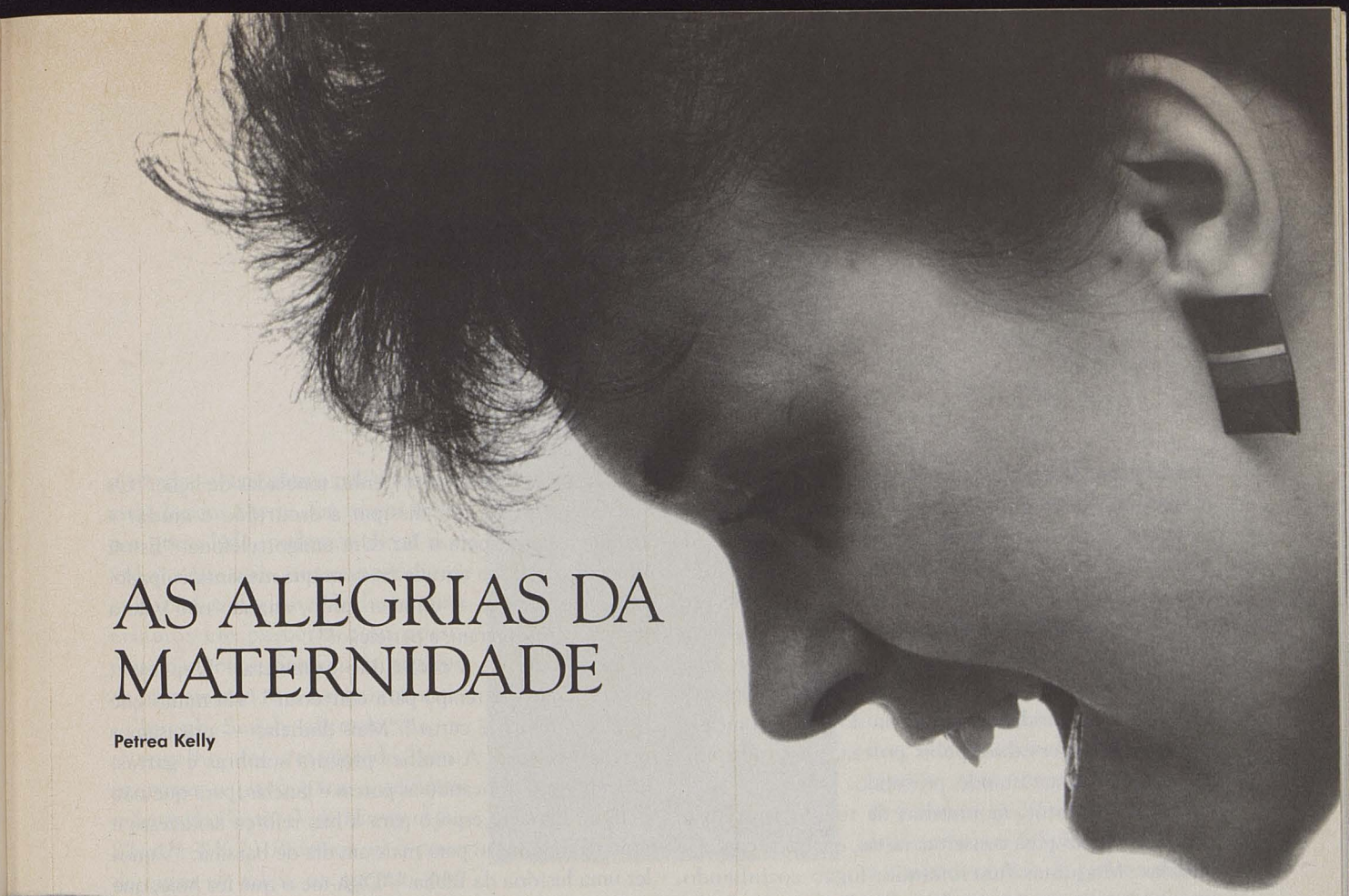
Entrelace as mãos ao orar.

Segure a mão daqueles que ama.

Tome cuidadosamente o sacramento com a mão direita.

Abra e feche as portas em silêncio.

ILUSTRADO POR PHYLLIS LUCH



AS ALEGRIAS DA MATERNIDADE

Petrea Kelly

Majestoso, belo e sereno, um astro celeste brilha num céu luminoso. Abaixo, na fronteira de um deserto escuro, numa pequena fortaleza, vivem alguns estranhos, vindos do esplêndido lugar acima. Seu lar é um posto avançado, que reflete um pouco da glória do lar celestial, mas está cercado de escuridão e sob ataques constantes.

Agora, ao raiar do dia, uma mulher no posto avançado desperta de seu sono e, de joelhos, abre as linhas de comunicação entre seu lar e o orbe celeste lá em cima. Um conduto lança-lhe luz e força, seu coração se enche de serenidade, a alma se inunda de paz, e dela flui luz. A escuridão se afasta de sua fortaleza, vencida pela luz. Ela se volta para seus livros sagrados, buscando orientação do santo lar acima.

Um bebê chora; ela fecha os livros e se afasta. Vozes infantis se insinuam em seus pensamentos. Fraldas, desjejum, a procura de meias perdidas, a preparação do almoço. "Estou atrasada, querido; reúna as crianças correndo para a oração." "Por que esse menino está sempre atrasado? Faz a família toda esperar." "Brent ficou com os olhos abertos durante a oração." "Como sabe? Ficou espiando?" O conduto de luz lá do alto começa a esmaecer. A escuridão se aproxima do posto avançado; garras negras resvalam pelas portas, buscando uma pequena abertura, testando, provando.

Pilhas de pratos, montanhas de roupas para lavar, cestos de roupas para consertar, jarras, e latas, e caixas, e panelas. Máquinas funcionando, fogão cozinhando, crianças brincando, o bebê chorando. Televisão ligada — riso alto, situações engraçadas, castidade ridicularizada, adultério transformado em lugar comum, gritos, tiros, violência, mais riso, roupas bonitas, casas caras, criancinhas atrevidas, famílias infelizes, bebidas alcoólicas, risos, facas, armas, sangue. Garras negras envolvem cada vez mais a antena da TV.

As crianças se aborrecem; a mulher chama-as para perto de si e ensina-as, lê histórias para elas, abraça-as e beija-as. Mais tarde, quando as crianças estiverem dormindo, ela terá tempo de ler um pouco. "Os pais não têm o direito de impor suas idéias aos filhos." "Nunca diga 'não'." "Jamais castigue uma criança." "Se a criança não for bem sucedida, a culpa será dos pais."

Ela afasta as trevas, consultando outros livros: "Instrui ao menino no caminho em que deve andar" (Provérbios 22:6). "E eles também ensinarão as suas crianças a orar e a andar em retidão perante o Senhor" (D&C 68:28). "Ensiná-los-eis a se amarem mutuamente e a servirem uns aos outros" (Mosiah 4:15).

"Oh, Johnny, você está escrevendo nas paredes outra vez?"

As pessoas da família voltam para o posto avançado, vindas de excursões pelo deserto. Algumas delas ainda têm vestígios de escuridão. "Mas todos fazem." "Sou burro demais para matemática." "Desculpe, não posso ajudar no serviço da casa. Tenho toneladas de lição." Os pais se esforçam por dissipar a escuridão e ajudar a família a voltar para a luz. Um amigo telefona: "Estou desanimado, e sua atitude faz com que me sinta culpado. Não vejo por que se esforçar tanto, quando não vale a pena. O que esperam, a perfeição?"

Com a noite, a escuridão aumenta. "Depressa, depressa, não há tempo para conversar." "Há muito que fazer, e o tempo é curto." "Mais dinheiro — precisamos de mais coisas." A mulher procura sombras e garras, afastando-as, trancando as portas e janelas, para que não entrem. Ela abre espaço para a luz, reforça as defesas e armazena munição para mais um dia de batalha. "Vamos ler uma história da Bíblia." "Diga-me o que fez hoje, que o deixou feliz." "O que acha que poderá fazer amanhã, para não brigar com Johnny?" "Hora da oração da família." "Posso escutar suas orações?" "Vou levá-lo para a cama quando estiver pronto." "Claro que tenho tempo para ouvi-lo."

Na escuridão da noite, a mulher e o marido observam que o deserto está alguns centímetros mais distante que no dia anterior. Eles tornam a se ajoelhar, vislumbram um pequeno raio do esplendor de cuja criação participaram e ficam ofuscados com a glória.

Ficção científica? Não exatamente, pois espalhados pela terra existem pequenos postos avançados do reino de Deus, onde homens e mulheres se unem a Deus na criação — não apenas a criação que termina com o nascimento de uma criança, mas a criação contínua de lares celestiais, que começa no altar e continua por toda a eternidade.

CAMPO DE TREINAMENTO PARA O REINO CELESTIAL

Na criação e administração de um lar, temos muito mais liberdade e responsabilidade que as pessoas com qualquer outro tipo de ocupação no mundo. Essas pessoas são sempre limitadas por patrões e supervisores, acionistas, o público que compra, ou as realidades do

mercado — em outras palavras, elas estão ligadas à terra. Em nossos lares, por outro lado, podemos elevar-nos até o céu, pois nosso negócio é celestial e divino. Os lares que criamos em parceria com nosso marido e com o Senhor, são campos de treinamento para o reino celestial.

Joseph Smith afirmou que o evangelho foi restaurado para preparar o povo para o reinado milenar de Cristo. (Vide *History of the Church*, 4:537.) Podemos ser o povo de quem ele falou; no entanto, não nos tornamos um povo preparado para viver com o Salvador apenas nas três ou quatro horas por semana que passamos na igreja. É no lar que aprendemos a viver com o Salvador. Aqui aprendemos a viver a lei que cumpriremos para sempre. Se desejarmos ter um lar telestial, com desordem, discussões, egoísmo e irreverência, essa é a lei que aprenderemos a viver, e certamente não estaremos preparados para viver uma lei maior.

É difícil conseguir um lar celestial neste mundo, particularmente nesta época. É preciso que saibamos qual o nosso objetivo e então lutemos arduamente e sem cessar em direção a esse alvo — mesmo nos dias em que as crianças estão doentes, o banheiro está inundado, o céu está cinzento, e queimamos a verdura para o jantar. Mesmo em dias como esses, precisamos manter os olhos voltados para o céu e lembrar-nos constantemente de que nosso objetivo é um lar celestial — e que, embora todos os poderes que trazem perturbação e trevas se juntem contra nós, eles não prevalecerão. Com nosso esforço e as bênçãos do Senhor, não podemos fracassar.

Há épocas em que ficamos atolados no dia-a-dia e no desespero. Prevendo esses momentos, devemos ter uma perspectiva eterna. É bom começar com uma afirmação ampla, como: "Queremos edificar um lar celestial, para que as pessoas de nossa família aprendam a viver com o Pai e com Cristo." Depois temos de dividir essa grande meta em partes cada vez menores, até que nossos sonhos e nossa vida diária se harmonizem.

Olhando por essa perspectiva eterna, as prioridades começam a encaixar-se em seus devidos lugares. Então percebemos que as orações familiares e individuais são o que de mais importante fazemos todos os dias; que o estudo das escrituras em família tem mais valor que o desjejum; e que é mais importante ensinar nossos filhos a obedecerem aos mandamentos do que ensiná-los a escovar os dentes. Consideramos as noites familiares um bom e valioso recurso, e não uma obrigação. Desenvolvemos as lições ensinadas na Igreja e ajudamos nossos filhos a aplicarem-nas em suas vidas. Todas as experiências, quase que cada respiração, tornam-se parte da estrutura celestial de nosso lar.

Ao tentarmos ter um lar santo, percebemos que é preciso começar por nós mesmas — nossa mente, nosso corpo e nosso espírito têm de estar na melhor forma. Mais uma vez, as atividades diárias passam a ser consideradas da perspectiva correta. Dieta adequada, exercícios, oração, estudo das escrituras, freqüência ao templo e desenvolvimento de talentos, tudo isso deve ter precedência às exigências do mundo. Uma vez que estejamos certas de nossas metas e as tenhamos confirmado com o Senhor, tornar-se-á mais fácil avaliar todas as exigências de nossa época e saber quais aceitar, quais rejeitar e quais adiar. Se estivermos em harmonia com o Senhor, ele nos inspirará e ajudará a sermos criativas na solução de problemas e a evitarmos os possíveis perigos, mesmo antes de nos conscientizarmos deles.

UMA CASA DE ORDEM

As casas celestiais podem ser grandes ou pequenas, ricas ou pobres. O tamanho das famílias pode variar de

um casal a doze pessoas ou mais. A casa pode ser calma ou agitada. Todos os lares celestiais, porém, têm algumas qualidades em comum — as mesmas que o Senhor prescreve para o templo, que é seu outro lar na terra.

"Organizai-vos; preparai todas as coisas necessárias; e estabelecei uma casa, mesmo uma casa de oração, uma casa de jejum, uma casa de fé, uma casa de ensino, uma casa de glória, uma casa de ordem, uma casa de Deus" (D&C 88:119).

Esse é o padrão pelo qual podemos avaliar o lar de cada uma de nós. Se não estiver de acordo com o padrão, não é um posto avançado do reino de Deus, e conseguimos ver imediatamente onde temos de melhorar.

CONSTRUIR CASAS — EDIFICAR FAMÍLIAS

Meu marido e eu recentemente terminamos um projeto que nos serve como um tipo de analogia para a edificação de uma família celestial — construímos uma casa.

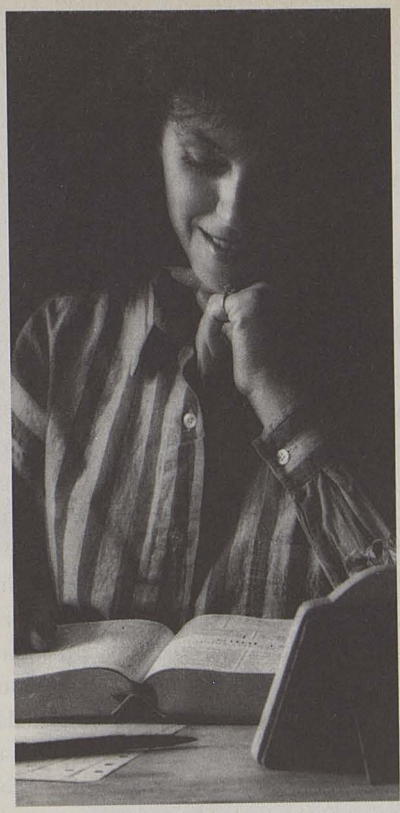
Desde que éramos jovens e nem mesmo nos conhecíamos, tínhamos ambos em mente a casa dos nossos sonhos. A minha era cheia de pessoas queridas, de sol, calor, criatividade, cheiro de coisas gostosas na cozinha, e era rodeada de árvores e flores. A dele era um porto cheio de paz, isolado do mundo, acolhedor e aconchegante — com fogo na lareira, uma estante cheia de livros, suas músicas preferidas tocando e cheiro de coisas gostosas na cozinha. Quando nos conhecemos e nos casamos, a construção daquela casa foi posta no topo de nossa lista de prioridades. Sentíamos que criar nosso espaço físico aqui na terra era uma parte importante de nossa mordomia. (Era também o único meio de conseguirmos a casa que desejávamos.) Tínhamos fé nas palavras de Winston Churchill: "Primeiro moldamos nossas casas; depois elas nos moldam." Passamos anos estudando as casas dos melhores projetistas e arquitetos e visitando outras casas. Finalmente, achamos o local perfeito — e então começamos seriamente a planejar. Enquanto pagávamos o terreno, fomos desenhando plantas de casas e juntando idéias de livros, revistas, e de outras casas. Colocamos nossas idéias numa pasta, depois em uma caixa, e depois em várias caixas.

Tentamos desenhar nossas próprias plantas, mas os desenhos nunca ficavam à altura do que idealizáramos. Procuramos, então, um projetista para nos ajudar. Encontramos um que tinha as mesmas idéias que nós e que estava disposto a ajudar-nos a planejar o tipo de casa que desejávamos. Na verdade, graças às suas aptidões especiais, ele nos deu idéias em que jamais teríamos pensado. Durante todo o período de planejamento e construção, oramos pedindo ajuda e orientação, e nossas orações foram respondidas muitas vezes de maneira surpreendente.

Alguns construtores nos disseram que seria impossível construir a casa que tínhamos em mente com o dinheiro que podíamos gastar. Alguns nos aconselhavam a abandonar nossos sonhos. "A construção de uma casa padronizada é mais fácil e mais barata", diziam eles. Nós, porém, não estávamos interessados na coisa mais fácil de fazer; tínhamos um sonho. Assim, decidimos construir nós mesmos a nossa casa.

O período de construção foi emocionante — e desanimador. Parecia que nunca terminaríamos, mas finalmente surgia uma sapata, um alicerce, uma parede. Um passo de cada vez, a casa tomava forma. Às vezes cometíamos erros e tínhamos de refazer tudo. Outras vezes tínhamos de transigir e aceitar menos do que aquilo que idealizáramos. Muitas vezes consultávamos o projetista e as plantas, para obter esclarecimento e ajuda. Trabalhamos muito, dia após dia — às vezes fazendo coisas grandes e impressionantes, como erguer uma parede ou colocar um piso, mas, com maior freqüência, fazendo coisas que não apareciam, mas que eram importantes. Nós mesmos fazíamos boa parte do trabalho, mas às vezes era necessário contratar especialistas que tinham aptidões ou ferramentas que não possuíamos.

Por fim chegou o grande dia. Empacotamos nossos pertences e mudamos para a casa de nossos sonhos. Não



é exatamente perfeita, mas é acolhedora, cheia de pessoas que amamos, de sol, de criatividade, livros, música, e de cheiro de coisas gostosas na cozinha. E às vezes ela é até mesmo cheia de paz e calma

— depois da meia noite e antes das seis da manhã.

Constituir uma família celestial é, de muitas formas, uma experiência paralela. Primeiro, temos o sonho, independente da realidade. Casar é como encontrar o local perfeito para a casa. Passamos, então, a saber com o que temos de trabalhar e quais serão os desafios. É esse o momento em que escolhemos o projetista. Há muitos deles no mundo, que nos aconselhariam sobre como edificar nossa família e educar nossos filhos; mas temos de ter cuidado com os seus conselhos, pois sua perspectiva é limitada, às vezes destorcida e, freqüentemente, muda, à medida que novas filosofias entram em voga. O único projetista que tem a perspectiva eterna é o Senhor. Seu projeto está contido nas escrituras e pode ser confirmado em nós constantemente, pela revelação pessoal. Se estudarmos e seguirmos o seu projeto, ele nos mostrará novas dimensões, que não poderíamos ter percebido sozinhos.

O trabalho de edificar famílias, como o de construir casas, muitas vezes é frustrante e material. Os resultados podem demorar a aparecer, mas às vezes há bons momentos, quando parece que estamos progredindo, e somos incentivados a continuar. Cometemos erros e às vezes temos de fazer concessões, mas se mantivermos contato com nosso projetista e estudarmos a planta, poderemos corrigir erros e resolver problemas. Por estarmos edificando a família de nossos sonhos, podemos fazer pequenas coisas extras, que nenhum especialista acharia valer a pena. Podemos fazer mais do que simplesmente manter nossos filhos alimentados e vestidos — podemos estimular-lhes o corpo, a mente e o espírito, para que atinjam seu potencial divino.

Ocasionalmente é necessário contratar especialistas para ajudar nossa família: médicos, dentistas, professores, instrutores de música e dança, treinadores de esportes, orientadores de crianças, e assim por diante. Devemos, contudo, tomar cuidado para não envolver um número exagerado de "especialistas" em nosso trabalho, pois poderemos delegar nossas responsabilidades a pessoas que não viram a planta que estamos utilizando. Devemos seguir cuidadosamente nosso plano, mesmo que não esteja de acordo com a educação moderna, ou que seja diferente do plano de todas as outras famílias da vizinhança.

Ao contrário de uma casa, uma família nunca fica pronta. Passamos por diferentes estágios de "construção", enquanto nossos filhos crescem e suas necessidades se tornam diferentes. O aspecto maravilhoso de nosso projeto escriturístico é que ele contém o plano para qualquer estágio em que possamos estar.

Há grande satisfação na construção de uma casa, mas não há nada que se compare à imensa alegria resultante da edificação de um posto avançado do reino de Deus. Os papéis de mãe e pai às vezes são considerados de menor importância em nosso mundo, mas acho que aqueles que menosprezam o trabalho dos pais talvez não tenham provado a alegria que sentimos, quando entendemos a glória daquilo que estamos fazendo.

PREPARAÇÃO — UMA ATIVIDADE QUE DURA A VIDA TODA

Parece-me que duas coisas são necessárias para a maternidade feliz: preparação e bom desempenho.

Para construir uma casa, é preciso muita preparação. Os construtores têm de aprender certas técnicas. Os

planos precisam basear-se no conhecimento do local de construção, no tipo de casa desejado, nos materiais de construção disponíveis, no clima e nas preferências dos futuros moradores. As mães (e os pais também) têm de preparar-se, para serem bem sucedidas.

A futura mãe deve ter sabedoria para aprender tudo o que for possível sobre economia doméstica, orçamentos, decoração de interiores e cuidado de crianças. Como mães, precisamos continuar a aprender essas coisas e melhorar nossas aptidões, no decorrer da vida. A mulher que não aprender essas coisas antes do casamento será forçada a aprendê-las na prática, a fim de conseguir administrar bem o seu lar. No padrão que o Senhor estabelece para sua casa, na seção 88 de Doutrina e Convênios, uma das chaves é que seja uma casa de ordem. Os conhecimentos de economia doméstica podem realmente assegurar-nos uma casa de ordem.

UMA CASA DE ENSINO

Não é suficiente apenas ter uma casa de ordem; o Senhor também manda que nos preparemos para ter casas de ensino. Esse tipo de preparação é uma atividade que dura toda a vida. Nós fazemos o ambiente de nossa casa. Somos como fontes, nas quais nossa família sacia a sede; temos de fluir abundante e generosamente, pois do contrário ela perecerá. Nossa preparação deve resultar num reservatório de aprendizagem e fé. Reabastecemos esse reservatório por intermédio de oração, jejum, freqüência ao templo, e de muitas outras maneiras, específicas para cada pessoa.

Há muitas oportunidades ao nosso alcance. Podemos freqüentar uma escola, trabalhar, viajar, ter contato com pessoas em situações diversas, cumprir missão, desenvolver nossos talentos e ampliar nossos interesses.

Gosto da idéia de ter ao mesmo tempo uma ocupação e uma distração — um trabalho e um passatempo. Para nós, mulheres, a economia doméstica tem de ser, pelo menos, nossa ocupação (para algumas, poderia ser também uma distração). Podemos também preparar-nos para outra ocupação, mas, além disso, devemos cultivar todos os passatempos que nos agradarem. Mulheres cujo passatempo é a música, parecem ser particularmente abençoadas, e suas famílias também o são. Vi mulheres que enriqueceram a vida familiar com seu talento para artes, ciências, matemática, jardinagem, costura, culinária, decoração, carpintaria, esportes, compras, enfermagem — há uma possibilidade para cada mulher.

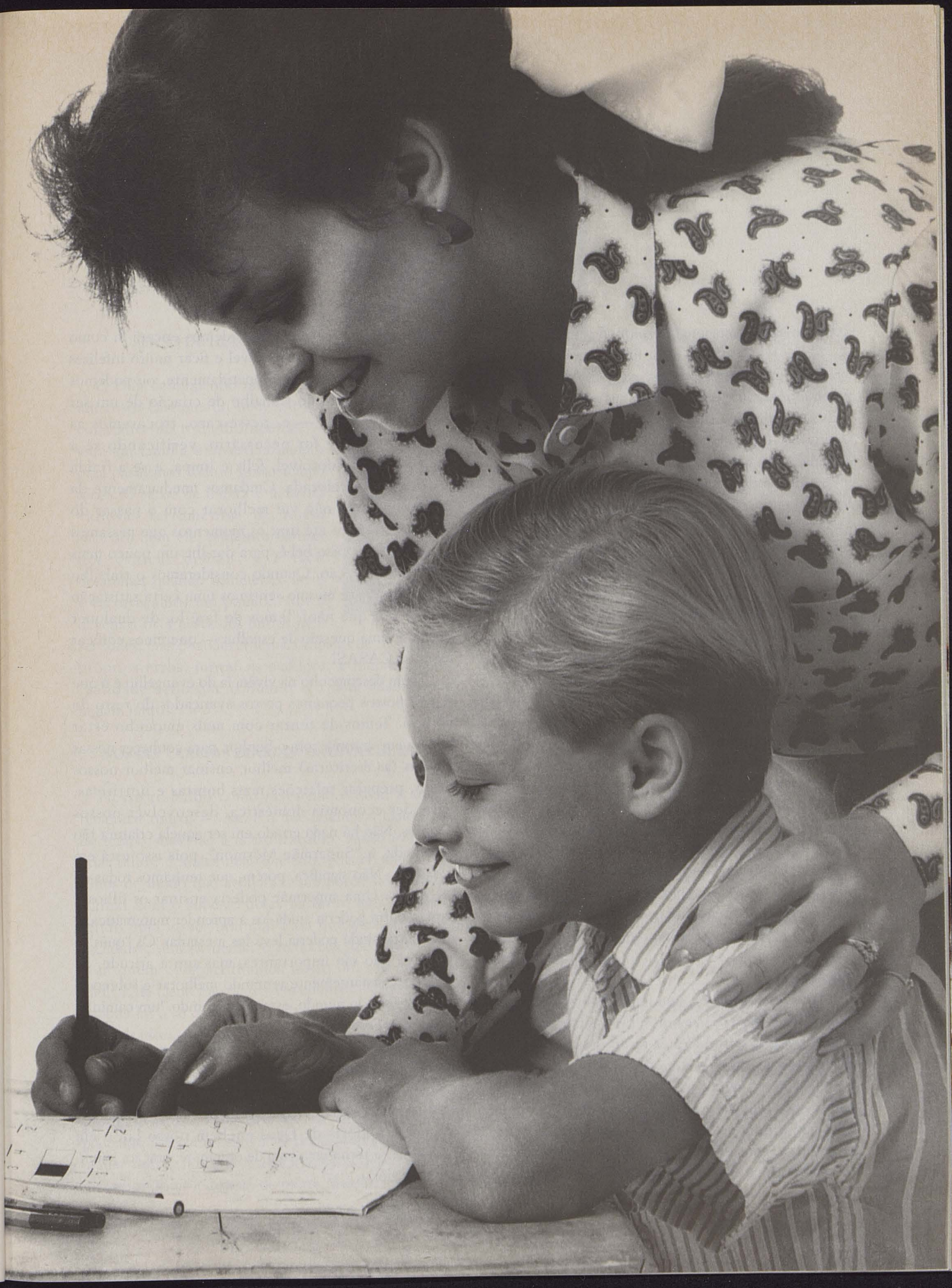
Meus passatempos incluem literatura e o estudo de história. Uma das coisas de que realmente gostava quando estava na faculdade, era fazer pesquisa, e esse treinamento me foi bastante útil. Nossos filhos gostam de aprender coisas novas, e acho que uma das razões disso é que, desde sua tenra infância, buscamos juntos nos livros as respostas para suas perguntas. Quando estamos todos examinando enciclopédias e livros de consulta para pesquisar a profundidade do Oceano Atlântico, os nomes de todos os planetas do universo ou a vida de Mozart, sinto que nossa casa é realmente uma casa de ensino.

Além de abençoar as pessoas da família, nossos passatempos alimentam as fontes ocultas em nossos reservatórios. Percebo que a leitura de uma poesia ou de um bom conto por alguns minutos me dá ânimo nos dias mais sombrios. E se oro freqüentemente e leio um bom livro de História enquanto amamento, fico praticamente imune a frustrações.

Todo este conhecimento secular não terá valor para nossa família se negligenciarmos a preparação espiritual. O Senhor descreveu uma casa de fé, oração e jejum — e também de ordem e ensino. Precisamos tanto cultivar nosso testemunho como nossos talentos, e tanto estudar as escrituras como os livros escolares.

A mais bela descrição que conheço de uma mulher preparada, está em Provérbios 31:10-31. O poeta usa exemplos físicos, mas muitas das imagens podem ser utilizadas em mais de um nível. A passagem inteira merece nossa atenção, mas aqui estão apenas alguns exemplos:

"É como o navio mercante: de longe traz o seu pão." (Não apenas o pão, creio eu, mas toda uma carga de



conforto físico, emocional e espiritual para sua família.)

"Cinge os seus lombos de força, e fortalece os seus braços." (Sem dúvida, ela faz exercícios físicos, o que a torna forte e saudável e melhora sua perspectiva mental; mas ela também tem um programa de exercícios espirituais, com o estudo de escrituras, oração e jejum, destinado a manter forte a sua fé.)

"A sua lâmpada não se apaga de noite." (Será que ela simplesmente está preparando presentes de Natal? Não, creio que seu testemunho é uma luz que ilumina sua família, mesmo nas épocas mais negras.)

"Abre a sua boca com sabedoria, e a lei da beneficência está na sua língua." (Esse atributo deve merecer cuidadosa consideração de nossa parte.)

PERSPECTIVA DE BOM DESEMPENHO

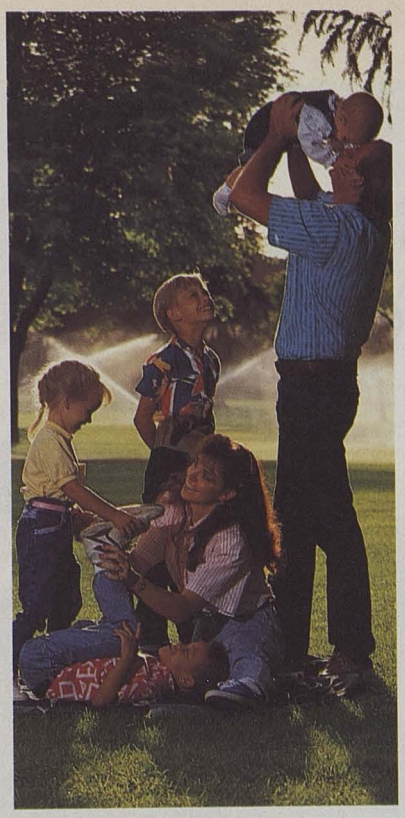
Há casas e CASAS. Casas (letra minúscula) são simplesmente um abrigo. CASAS (letra maiúscula) são construídas e planejadas com amor e carinho. Elas abrigam, mas também enriquecem a vida de seus moradores. Esses dois tipos de casas simbolizam o trabalho costumeiro das mães e a perspectiva de um bom desempenho em nossas tarefas. Olhando para as criações do Senhor aqui na terra, não creio que ele esteja interessado no que é mais fácil e no que tem menos valor. O pôr do sol, uma noite estrelada, um pinheiro ou uma flor de pessegueiro, fazem-me lembrar que Deus cria *glória* — mesmo nos menores detalhes. Uma CASA de Deus deve ser gloriosa e o mais excelente que pudermos torná-la.

Cristo nos prometeu uma vida mais abundante, se seguirmos os seus ensinamentos. Ele ensinou que andar a segunda milha em qualquer tarefa nos traz alegria e abundância. Se simplesmente fizermos o mínimo que nos é exigido como mães, será fácil ficarmos frustradas e acharmos que nosso trabalho é humilhante. Se fizermos mais que o mínimo e nos empenharmos em tornar a maternidade uma obra de arte, sentiremos alegria.

Vejamos, por exemplo, a incômoda tarefa de trocar fraldas. É uma necessidade. Podemos encará-la como se fosse uma coisa desagradável e ficar muito infelizes por termos de executá-la repetidamente, ou podemos considerá-la parte do trabalho de criação de um ser humano precioso — e, nesse caso, trocaremos as fraldas logo que for necessário, verificando se a criança está confortável, feliz e limpa, e se a fralda seca está bem colocada. Cuidamos imediatamente da fralda suja (ela não vai melhorar com o passar do tempo). Podemos até usar os momentos que passamos sozinhas com nosso bebê, para dar-lhe um pouco mais de amor e atenção. Quando consideramos o trabalho dessa forma, até mesmo sentimos uma certa satisfação nele; e por que não? Temos de fazê-lo, de qualquer forma. É uma questão de escolha — queremos edificar casas ou CASAS?

O bom desempenho na vivência do evangelho é o que separa nossos pequenos postos avançados do resto do mundo. Temos de tentar com mais empenho estar sempre em sintonia com o Senhor, para conhecer nossas plantas (as escrituras) melhor, ensinar melhor nossos filhos, preparar refeições mais bonitas e nutritivas, aprender economia doméstica, desenvolver nossos talentos. Não há nada errado em ser aquela criatura tão caluniada, a "Supermãe Mórmon", pois isso está em todas nós. Não significa, porém, que tenhamos todas de ser iguais. Uma supermãe poderia ensinar os filhos a cantar, outra poderia ajudá-los a aprender matemática, e uma outra ainda poderia levá-los a esquiar. Os "quês" e "comos" não são importantes, mas sim a atitude. Se estamos constantemente tentando melhorar e sobrepor-nos às coisas do mundo, estamos seguindo "um caminho ainda mais excelente".

O bom desempenho é compensador em muitos sentidos. Gostamos de nossas tarefas, crescemos ao executá-las, nossa família obtém bons resultados e o céu sorri ao ver nossos esforços. Acima de tudo, a felicidade, o amor e a glória de Deus enchem nosso lar, e ele realmente se torna uma casa de ordem, fé, oração, jejum, ensino e glória.



SENSO DE HUMOR

O bom desempenho não implica um rosto carrancudo nem atitude constante de trabalho apenas. A vida em família é divertida demais para passarmos todo o nosso tempo sérias. O senso de humor é uma das valiosas ferramentas de nosso sucesso. Sem ele, podemos tornar-nos críticas demais, e é fácil desanimar quando cometemos erros e escorregamos um pouco. Nunca devemos rir à custa dos outros nem ser rudes, mas é saudável sermos capazes de rir de nossos próprios erros, juntar os pedaços, e recomeçar. Na realidade acho que o humor e o bom desempenho andam juntos.

NOSSAS TAREFAS DIÁRIAS: DÁDIVAS DE DEUS

Nosso trabalho como mães não é lavar fraldas e remendar roupas — isso é o que fazemos a maior parte do tempo, mas não é nosso trabalho. Nosso trabalho é criar filhos; é muito mais que isso, pois criamos nossos filhos de modo que atinjam o seu potencial. Podemos sonhar com o sucesso deles na terra, mas estaremos tendo uma visão limitada. Para que eles sejam bem sucedidos, têm de herdar o reino celestial. As crianças com quem compartilhamos nosso lar, são mais que dádivas de Deus. São deuses em embrião. Nosso trabalho é ajudá-las a se conscientizar dessa verdade maravilhosa e inspiradora e depois viver de tal maneira que não deixem de atingir seu potencial divino.

Podemos ter de remendar roupas, lavar pratos, cuidar de jardins, varrer o chão, arrumar camas, mas tudo isso são dádivas que Deus nos dá. São instrumentos que podemos usar para desenvolver nossa própria divindade e ajudar nossos filhos a desenvolverem a deles. Não nos tornamos justas *a despeito* de pratos, fraldas, e chão sujo, mas *por meio deles*. Varremos o chão, limpamos o jardim, cuidamos de bebês e aprendemos e crescemos — o espírito junto com o corpo. Ninguém cresce num vácuo. Não nos sentamos simplesmente em uma sala branca, temos grandes pensamentos, e assim nos tornamos divinos. A terra e tudo que nela existe tem o propósito de funcionar como uma grande sala de aula; as coisas de que precisamos para desenvolver nossa celestialidade estão aqui. A divindade se desenvolve em nós à medida que usamos instrumentos da terra para criar nosso próprio ambiente celestial — casas de Deus. Assim, o chão limpo, as camas e os armários arrumados fazem parte de nosso ambiente celestial. Temos de ensinar isso a nossos filhos, mostrando-lhes como arrumar a própria cama aos três anos, ou como guardar brinquedos aos dois anos.

Nosso ambiente celestial não é simplesmente um lugar arrumado e limpo; é também um lugar de ensino. Isso poderia sugerir o estudo das escrituras em família, fé, oração e jejum. Aqui vemos como orar em família, ensinar nossos filhos a orar, realizar noites familiares e freqüentar juntos a Igreja ajuda a criar um ambiente celestial. Então — se também fizermos de nosso lar uma casa de glória, onde haja muito amor e todas as nossas ações e palavras sejam uma forma de adoração — teremos deixado para trás os atavios do mundo telestial, e nossos pequenos postos avançados poderão ocupar seu lugar entre as estrelas.

A maternidade é cheia de alegria. É emocionante, desafiadora e divertida; ela exige nossos melhores esforços. Maternidade é criação de filhos e dos lares nos quais os educamos. Maternidade é parceria com o marido e com o Senhor. Que todas nós vislumbremos o esplendor que podemos criar em nossos postos avançados do reino de Deus. □

COMEMORAÇÃO DO SESQUICENTENÁRIO
DA SOCIEDADE DE SOCORRO

UMA IRMANDADE INTERNACIONAL

No decorrer da construção do Templo de Nauvoo, foi solicitado às irmãs que contribuíssem com seu tempo e seus recursos. Para melhor organizar tais esforços, Eliza R. Snow redigiu para o grupo de senhoras uma constituição que Joseph Smith não somente aprovou, mas desejou que se desse um passo além. Disse ele: "Organizarei as irmãs... segundo um modelo do sacerdócio. Esta Igreja nunca esteve perfeitamente organizada até que as mulheres fossem assim associadas" (*Relief Society Magazine*, março de 1919, p. 129).

Em 17 de março de 1842 a Sociedade de Socorro Feminina de Nauvoo foi formalmente organizada. Emma Smith foi chamada para ser a presidente e Eliza R. Snow foi nomeada secretária. Vinte mulheres e três homens compareceram.

Desde essa época, a Sociedade de Socorro se tornou uma organização internacional com mais de 1.780.000 mulheres em mais de 128 países e territórios. Essas irmãs trabalham juntas para desenvolver e compartilhar talentos entre si, em família e na comunidade. Como resultado, muitas se achegaram mais a Cristo.

Através dos anos, a Sociedade de Socorro tem enfatizado constantemente que, aprendendo a servir, tornamo-nos discípulos de Cristo. Nas páginas seguintes, estão relacionadas áreas específicas de interesse, conforme definidas pela Presidência Geral da Sociedade de Socorro.

***Em cima: O Templo de Nauvoo,* de Helga Steffel, Ostfrieland, Alemanha, 1986. Este bordado em lã e fibras sintéticas é baseado numa pintura de 1967 de Stephen Baird. *A esquerda: O Início da Sociedade de Socorro em Nauvoo,* de Nadine Barton (1921-1989), Provo, Utah. Óleo sobre tela, 1986. Emma Smith, sob direção do Profeta, dirige a primeira reunião da Sociedade de Socorro.**

"A CARIDADE NUNCA FALHA"

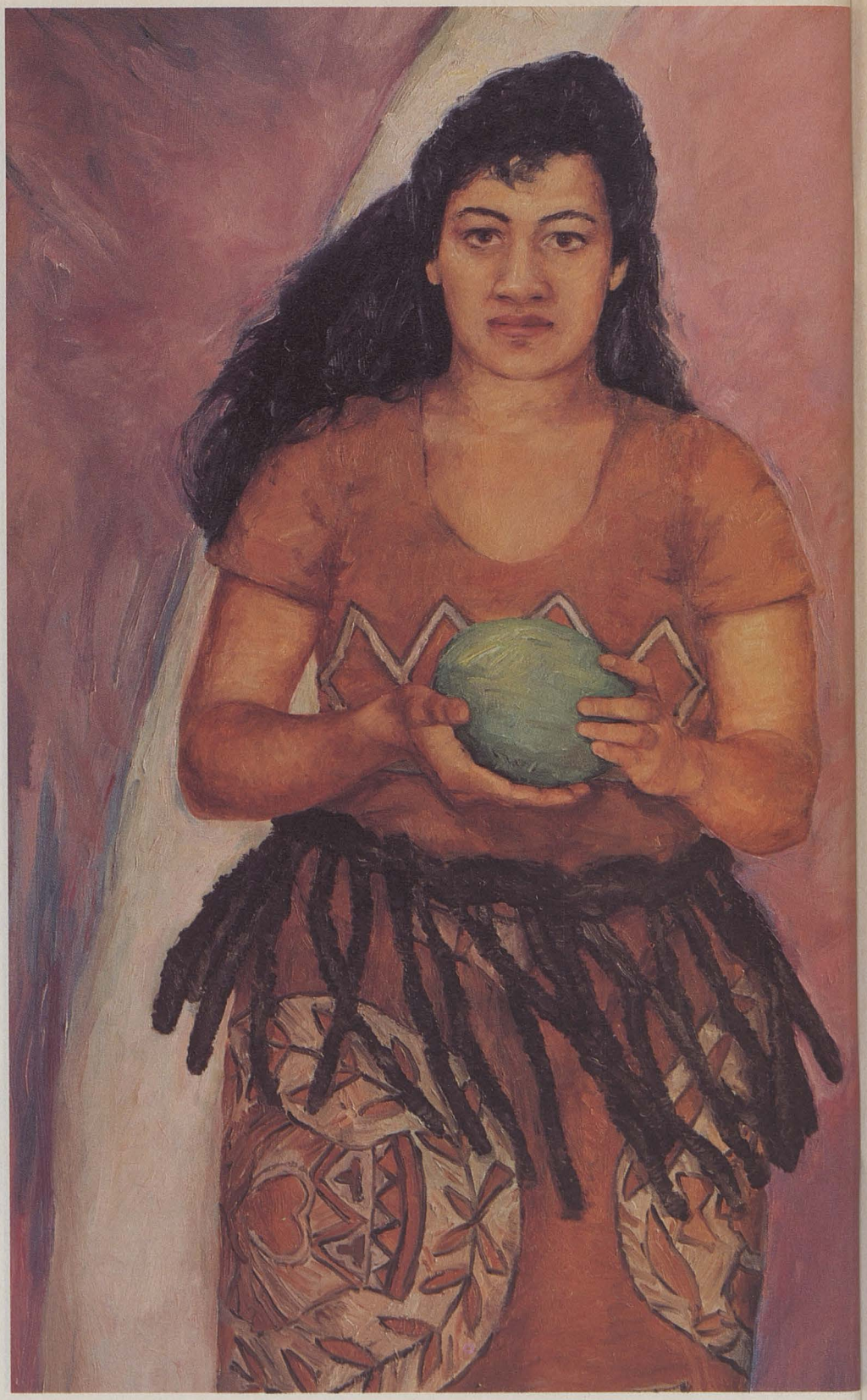
Quando estourou a Primeira Guerra Mundial, as Sociedades de Socorro de Utah venderam seu estoque de trigo para ajudar no esforço de guerra, usando o dinheiro para proporcionar às mulheres um pré-natal adequado e cuidados aos recém-nascidos. Desde aquela época, o trigo tem sido um símbolo dos esforços da Sociedade de Socorro no auxílio ao próximo. A bandeja acima, pintada na década de 50 e decorada com asas de borboleta, é do Brasil. (As iniciais "SS" referem-se ao nome da Sociedade de Socorro em português.) Na bandeja e no pequeno broche, abaixo, à esquerda, estão os símbolos de trigo da Sociedade de Socorro e o lema da caridade, sob a forma de brasão. O símbolo e o lema estão também reproduzidos num emblema, abaixo, à direita, comemorando o aniversário de 150 anos da Sociedade de Socorro.

ADQUIRIR UM TESTEMUNHO PESSOAL

Imagens de Amor em Patchwork **(Malaquias 4:6), de Mirtha Veiga Richards, de Cerritos, Califórnia. Óleo sobre tela, 1989-1990. Durante o curso de nossa vida, edificamos o testemunho diariamente — pela oração, pelo estudo das escrituras e vivendo o evangelho fielmente. Olhando para trás, vemos como essas lembranças formaram uma obra-prima de relações familiares e de serena devoção ao Senhor.**

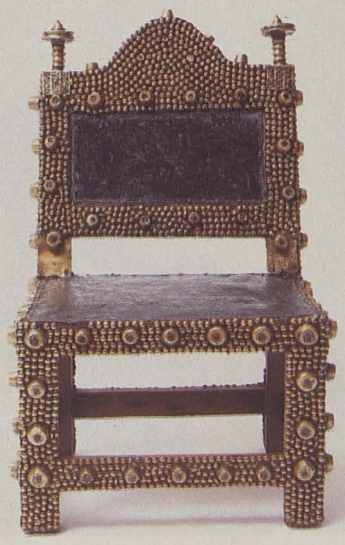
SENTIR-SE ABENÇOADA E VALORIZADA COMO INDIVÍDUO

A Semente Frutífera **(Gênesis 49:22), de Laurie Olson Schnoebelen, Alta Loma, Califórnia. Óleo sobre tela, 1990. Toda mulher tem não só uma herança cultural que lhe enriquece a vida, mas também dons exclusivos que somente ela pode oferecer ao Pai Celestial. Aqui vemos retratada uma mulher tonganesa, representando os polinésios da casa de José. Ela segura uma fruta nas mãos, simbolizando as infinitas possibilidades de talentos que uma mulher possui.**



DESENVOLVER E EXERCITAR A CARIDADE

O Anseio do Povo (Mateus 11:28), de Judith Mehr, West Valley City, Utah. Óleo, folhas douradas e madeira sobre tela, 1990. Muitas pessoas em nossas famílias, nossas comunidades, nossos países e outras nações estão tateando na escuridão à procura da luz do evangelho. Como uma irmandade internacional, a Sociedade de Socorro pode entrar em contato com essas mulheres de todo o mundo, que sentem falta da verdade. Em 1969, Virginia Cutler, que ajudou a fundar a Faculdade de Relações Familiares da Universidade Brigham Young, recebeu uma cadeira de chefe (à esquerda) da tribo Ashanti, de Gana, pelo apoio na implantação de um programa de economia doméstica no país. A cadeira é a mais alta honraria concedida pelos ashantis. (Atualmente, ela se encontra no Museu de História e Arte da Igreja.)

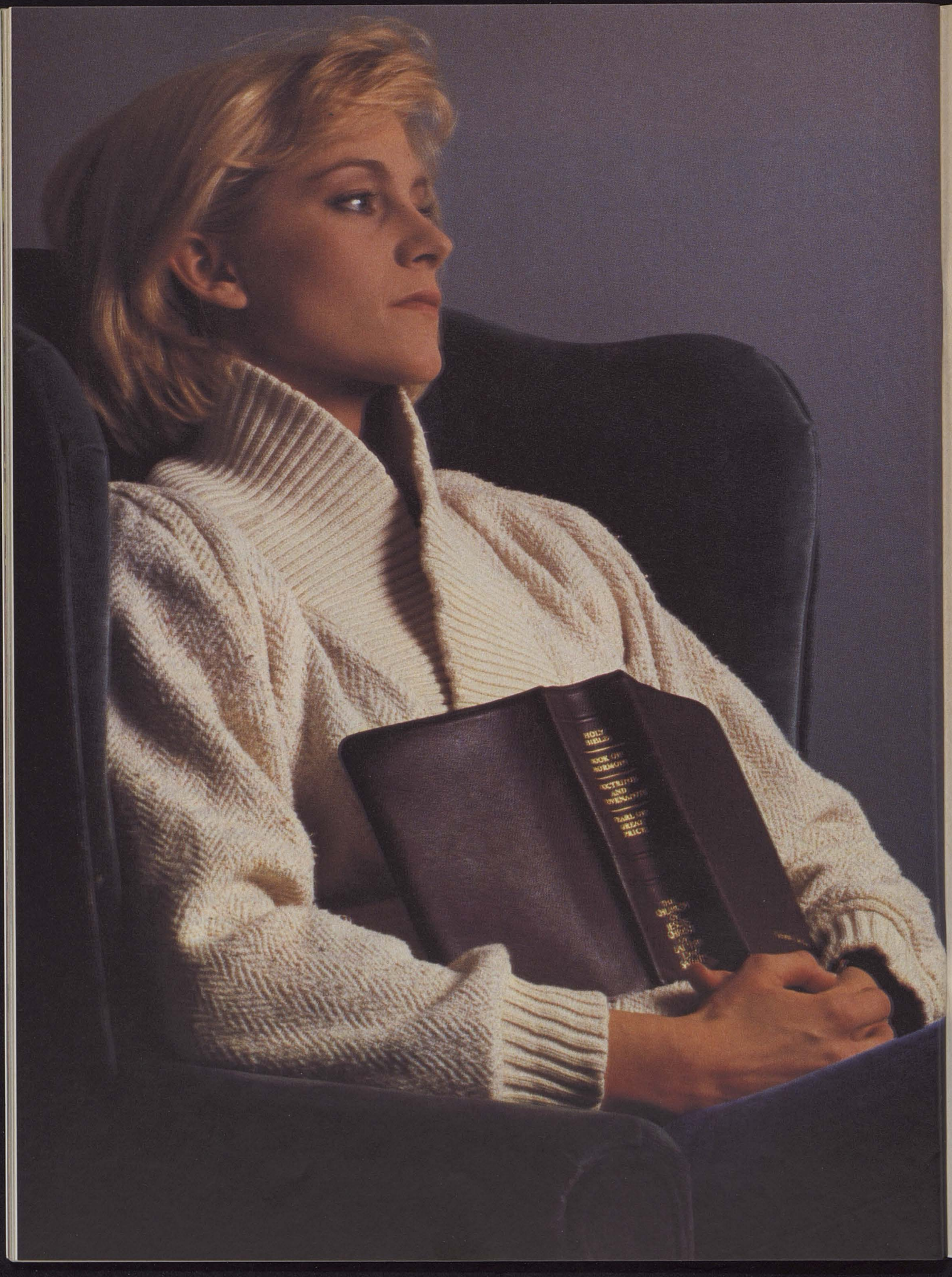


FORTALECER AS FAMÍLIAS

***Herança* (Atos 20:32), de Jeanne Leighton Lundberg Clarke, de Provo, Utah. Óleo sobre tela, 1990. Tradições familiares, como características físicas, são transmitidas dos pais aos filhos de uma geração para outra. O Evangelho de Jesus Cristo é uma influência que une e fortalece as pessoas. As cores exuberantes e a ausência de sombras na pintura simbolizam a luz da verdade que pode prevalecer na família — a unidade básica da Igreja. Os filhos trazem bênçãos e desafios ao círculo familiar. Vemos na ilustração (à direita) porta-bebês de diferentes países do mundo. *De cima para baixo*: Hmong, Ute (índio americano) e Maia (mexicano).**

DESFRUTAR DE UMA IRMANDADE UNIFICADA

***Três Mulheres na Tumba*, de Minerva Teichert (1888-1976), de Cokeville, Wyoming. Óleo sobre tela, 1947. Reunidas na tumba de Cristo: Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé, vêem um anjo que anuncia a ascensão de Cristo (vide Marcos 16:1-8). Juntas, elas foram servir ao Senhor; juntas se regozijam em sua ressurreição. Hoje a Sociedade de Socorro propicia às mulheres a oportunidade de participarem das bênçãos de uma irmandade harmoniosa, adorando ao Senhor.** □



FOTOGRAFÍA DE DEREK SMITH

RENOVAR A ENERGIA ESPIRITUAL

Mulheres santos dos últimos dias contam como renovam suas reservas espirituais.

Shirleen Meek Saunders

Phyllis Peterson, de Lindon, Utah, certa vez comentou com uma amiga que seus filhos pareciam brigar o dia todo quando estavam com ela. "Talvez o problema seja eu", disse ela — e suas palavras atingiram-na como um raio.

Ao meditar sobre aspectos de sua vida nos quais poderia melhorar, a irmã Peterson lembrou-se de uma declaração do Presidente Marion G. Romney, que serviu como conselheiro na Primeira Presidência. Ele disse que, se os pais lessem o Livro de Mórmon com fervor e regularidade, o espírito de contenda se afastaria de seus lares. (Vide A *Liahona*, "O Livro de Mórmon", outubro de 1980.) Embora os Peterson estivessem lendo as escrituras em família, a irmã Peterson negligenciara o estudo pessoal. "Depois disso, decidi mudar", diz ela. "Num período de uma semana, as crianças começaram a brigar menos. Por que? Acho que fiquei mais calma e consegui lidar melhor com elas."

Como a irmã Peterson, mulheres santos dos últimos dias no mundo todo dizem que sua vida transcorre mais suavemente quando suas energias espirituais estão revigoradas. Como, porém, uma mulher acumula reservas espirituais, quando tantas outras coisas lhe tomam o tempo?

FAZER DO CRESCIMENTO ESPIRITUAL UMA PRIORIDADE

"Descobri que não 'achamos tempo' para as coisas", diz Janet E. Buck, de Loveland, Colorado. "Nós fazemos o tempo. Isso é especialmente verdade quando se trata de nos alimentarmos espiritualmente. Com freqüência, não reconhecemos as pontadas da fome espiritual pelo que elas realmente são. Damos-lhes outros rótulos: desânimo, depressão, raiva, ressentimento, solidão, autopiedade. Esses, no entanto, podem ser todos sintomas de inanição espiritual."

Karen Freeman, de Colesville, Maryland, concorda. "Achar tempo para o crescimento espiritual em minha vida não é muito diferente de achar tempo para outras atividades. Apenas alisto esse item como um de meus afazeres, como trabalhar no jardim e dar telefonemas."

Muitas mulheres acham que devem simplificar seu modo de vida, tornando suas expectativas mais realistas. "Quando eu era atleta e praticava corrida de longa distância, aprendi que devia ir mais devagar e dar menos passos, porém mais largos, se quisesse chegar ao fim do percurso", diz Toni Thomas, de Santee, Califórnia. "Tenho aplicado esse princípio em minha vida, fazendo

FOTOGRAFIA DE DEREK SMITH

menos, porém, melhorando a qualidade de cada ação. Agora, leio menos páginas de escrituras, mas medito mais nelas; temos poucas atividades extracurriculares para as crianças, mas nós lhes ensinamos que devem concentrar-se nelas e fazê-las bem. Procuro ajustar meus desejos materiais de forma a não sufocar minhas necessidades do espírito."

PLANEJAR TEMPO PARA SI MESMA

"Não temos receio de programar nossa vida e acomodá-la às obrigações da família, tais como refeições, aulas, reuniões — ou mesmo nossas próprias responsabilidades", diz Louise Brown, de Logan, Utah. "Preferimos excusar-nos de alguma atividade, dizendo 'Tenho um compromisso', do que dizer: 'Reservei este horário para mim mesmo.' Precisamos ver-nos como pessoas merecedoras (e necessitadas) de um pouco de solidão e de tempo para regenerar nossas forças, recarregando a energia que deixamos escapar com tanta facilidade."

Para se certificar de estar fazendo de si mesma uma prioridade, Marilee P. Gallacher, de Gilbert, Arizona, programa tempo para si mesma na agenda todos os dias. Annette S. Hill, de Missoula, Montana, acha que reservar um bloco de três horas por semana funciona melhor para ela, mesmo que isso signifique ter de adiar algumas tarefas e simplesmente deixar de fazer algumas coisas. Além de ler as escrituras diariamente, ela visita museus, lê, caminha, dorme, costura, borda, conversa com amigos, escreve a história da família e estuda piano nessas horas que reservou por semana.

IR À FONTE

"O melhor lugar para se encontrar renovação espiritual é na fonte — e a oração é a chave", diz Janet Lammers, de London, Ontário, Canadá. "A oração é um instrumento flexível a qualquer hora e em qualquer lugar; basta um coração sincero para fazê-la funcionar."

"Não é maravilhoso como o Pai Celestial sabe que a ajuda de que precisamos é a paciência num dia, a energia física ou talvez somente a paz de espírito em outro?" pergunta Jennifer Sant, de Sandy, Utah. A irmã Sant acha necessário orar todas as manhãs e todas as noites para receber a orientação de que precisa para educar seus filhos. Se necessita de respostas do Pai Celestial mais prontamente, as crianças se juntam a ela em oração.

Orar interiormente durante todo o dia também é essencial. "Fiquei frustrada quando comecei a passar cada vez menos tempo tentando aproximar-me do Pai Celestial porque ficava a serviço de minha família vinte e quatro horas por dia", lembra Carol Tuttle, de Danville, Califórnia. "É claro que o Pai Celestial sabia que cada dia era dividido em pequenos blocos de tempo. Talvez ele pudesse ensinar-me no decorrer dos ativos momentos do dia! O Salvador instruiu dois homens no caminho de Emaús, enquanto andavam. Será que o Pai Celestial não faria o mesmo comigo? Eu poderia conversar com ele enquanto estivesse dobrando a roupa limpa, descascando cenouras ou dirigindo o carro. Ele poderia ajudar-me enquanto eu estivesse ninando um bebê manhoso ou cuidando de uma criança com dor."

BANQUETEAR-SE COM A PALAVRA

"Quando me dei conta de estar me perdendo em meio à massa de prioridades, voltei-me para meu Pai Celestial e busquei ajuda", diz Eva Laurent, de Elk Grove, Califórnia, uma irmã que cuida sozinha de seis filhos. "O que eu queria de verdade era ajuda física — outro par de mãos, costas resistentes, uma mente perceptiva. O que ele me mandou foi uma mensagem: Leia o Livro de Mórmon todos os dias. Ainda me maravilho com o horizonte que este livro me abriu."

Quando estudamos as escrituras seriamente, não só nossa perspectiva, mas também o modo como lidamos com os problemas pode mudar. No final de um dia especialmente cansativo, Susan Wyman, de Canton, Georgia, estava preparando o jantar enquanto balançava o bebê no colo e tentava distrair um inquieto filho de

As mulheres santos dos últimos dias concordam: vale a pena arranjar tempo para crescer espiritualmente. Diz uma irmã: "Reservando uns minutos extras para fazer coisas relacionadas aos ensinamentos de Jesus Cristo, encontrei forças para enfrentar os desafios diários — mesmo os mais excepcionais e difíceis."

três anos. No meio da confusão, o menino puxou uma caixa de ovos de cima do balcão, lambuzando todo o piso recém-encerado. A irmã Wyman diz que sua reação normal seria zangar-se — mas, dessa vez, ela percebeu o choque e o remorso no rosto do filho. Sabia que ele não havia feito aquela confusão de propósito. Ela calmamente limpou tudo e enfrentou com paciência as desajeitadas tentativas que o filho fazia para ajudar.

"Enquanto fazia aquilo", lembra ela, "fiquei imaginando de onde tinha vindo a minha paciência. O Espírito me fez saber que era resultado de ter estudado as escrituras naquela manhã, ao me levantar.

Como estudam as mulheres ocupadas? Lori R. Gibbs, de Corvallis, Oregon, tem a meta de ler as escrituras todos os dias. Alguns dias ela lê um capítulo ou mais; outros, apenas um versículo ou dois. Perseverando nesse hábito, sua espiritualidade e sede de conhecimento aumentam — e esse desejo cada vez maior ajudou-a a "arranjar" tempo para estudar o evangelho.

Outras mulheres lêem por alguns minutos todos os dias. "Perder dez ou quinze minutos de sono num período de vinte e quatro horas não vai fazer muita diferença para o meu bem-estar físico, mas pode fazer uma enorme diferença para o meu bem-estar espiritual, se eu ocupar esse tempo com o estudo", diz Lisa Newman, da Cidade do Lago Salgado, Utah. "Aqueles minutos fazem de mim uma esposa e mãe mais alegre e paciente."

SER UM INSTRUMENTO NAS MÃOS DO SENHOR

"Analisando minha própria vida", diz Geneva Smith, de Tacoma, Washington, "acho que as experiências espirituais não são planejadas. Elas surgem inesperadamente, enquanto estou servindo na família, na Igreja e na comunidade." Quando foi designada para visitar uma irmã que tinha câncer, a irmã Smith lhe fez companhia no hospital de dois em dois dias, durante seis semanas. "Eu pensei que já conhecia e amava essa irmã, mas logo percebi que estava apenas começando a conhecê-la", recorda a irmã Smith. "Enquanto lhe massageava as pernas, penteava-lhe o cabelo e dava banho no corpo daquela irmã torturada pela dor, percebi que estava começando a amá-la de verdade. Ao dedicar-me a ela, meu cálice transbordou."

Janet MacLennan, de Dartmouth, Nova Scotia, Canadá, concorda. "Ao dedicar tempo a um vizinho ou a uma irmã da ala, prestando realmente atenção quando ela expressa dor ou preocupação, consigo 'ver como o Senhor vê' e recebo uma efusão de amor cristão que, para mim, é a maior reserva espiritual que alguém pode ter."

FAZER O MELHOR NOS CHAMADOS DA IGREJA

"Ser professora visitante é a chave de minha espiritualidade", relata Debbie Osborn, de Anchorage, Alaska. "Tenho a oportunidade de estar espiritualmente sintonizada com o bem-estar do próximo — e isso só pode ser feito por meio do meu próprio amadurecimento. Mesmo utilizando a mensagem do mês de professora visitante, não dou exatamente a mesma lição a todas as irmãs que visito; por isso tenho que pensar nelas dia após dia ao longo do mês, para sentir o que elas precisam realmente."

Aprender a confiar no Senhor nos chamados da Igreja pode fazer com que recebamos o Espírito em abundância. Rachel Murdock, presidente da Primária em American Fork, Utah, quando precisava indicar alguém para um cargo na Primária, costumava apresentar o nome da pessoa que tinha sido mais recentemente desobrigada de um cargo em outra organização ou que acabara de se mudar para a ala. Hoje, ela ora a respeito de todo chamado. "Não sei se os resultados têm sido diferentes", diz ela, "mas tenho dado a mim mesma a oportunidade de receber do Espírito a confirmação de que a escolha que fiz foi aceita pelo Pai Celestial."

"Trabalhar na Primária tem me ajudado a conseguir força espiritual", diz Joan W. Katz, de Chino, Califórnia. "Desenvolvi um desejo sincero de ensinar o evangelho às crianças. Assim, comecei a ler a lição da semana seguinte nos domingos à noite e, às vezes, treino a lição da Primária com minha família, na reunião familiar. Meu

"Há algumas semanas, eu me sentia muito deprimida, então telefonei a uma amiga e perguntei se podia ir visitá-la. Ficamos conversando, rindo e chorando por mais de três horas. Que banquete de espiritualidade!"

testemunho tem crescido ao ensinar as verdades simples do evangelho aos filhos de Deus."

EXERCITAR O CORPO E O ESPÍRITO

"À medida que fui amadurecendo, percebi que existe um forte vínculo entre o corpo e o espírito", diz Mary Ellen Flake, de Gilbert, Arizona. "Se o corpo não está funcionando bem, é muito mais difícil para o espírito governá-lo."

Quando o médico alertou Kay Salveson, de Nibley, Utah, de que ela deveria fazer exercícios como tratamento para suas freqüentes dores de cabeça causadas por estresse, ela não imaginava como poderia fazê-lo com pouco tempo e dinheiro. Em desespero, subiu numa velha bicicleta ergométrica e pôs-se a pedalar, enquanto os filhos assistiam à televisão. Funcionou. Agora a irmã Salveson faz rápidas caminhadas como exercício. "Ao contemplar o que me cerca, alegro-me em ver a mágica mudança das estações e sinto humildade diante das belas criações de Deus que me rodeiam, o que parece trazer tudo de volta à perspectiva certa", diz ela. "Algumas pessoas dizem que perdemos peso caminhando. É verdade — mas eu perco também problemas e desânimo."

RECONHECER AS COISAS ESPIRITUAIS QUE FAZ TODOS OS DIAS

"Quanto mais examino minhas atividades diárias, mais percebo que preciso focalizar meus olhos e ouvidos espirituais nas experiências diárias", diz Marion Allen, de Southampton, Inglaterra. "A força espiritual pode ser nutrida em quase todo ambiente."

A despeito dos obstáculos, as mulheres santos dos últimos dias concordam: vale a pena arranjar tempo para crescer espiritualmente. "Reservando uns minutos extras para fazer coisas relacionadas aos ensinamentos de Jesus Cristo, encontrei forças para enfrentar os desafios diários — mesmo os mais excepcionais e difíceis", diz Barbara Stockwell, de Springfield, Oregon. "Toda vez que me volto para o Senhor, torna-se mais fácil encarar cada problema, porque minha fé se fortaleceu."

Socorro!

Uma mulher que está tentando nutrir-se espiritualmente precisa da ajuda de outros — sobretudo da família. "Talvez muitas famílias precisem reconsiderar o papel da mulher no lar", diz Janene Hansen, de Gresham, Oregon. "Se todos ajudam em casa, tenho tempo de fazer alguma coisa que não seja apenas lavar pratos."

Entregar-se a uma atividade espiritual com o cônjuge também ajuda. Sherielee Quilter e o marido, Karl, da Cidade do Lago Salgado, passeiam e conversam sobre idéias e sentimentos todas as noites. Outros casais reservam uma hora para ler as escrituras ou livros como *Jesus, o Cristo.*

As mulheres também podem estimular o crescimento umas das outras. Melanee Webster, de Cheshire, Connecticut, e quatro de suas amigas decidiram estudar juntas o Livro de Mórmon. Toda semana elas lêem sete capítulos, depois se encontram às quartas-feiras para debater a leitura.

Um grupo de irmãs na Ala Las Vegas Morning Sun organizou-se para tomar conta dos filhos umas das outras, de modo que cada uma possa sair durante o dia, num sistema de revezamento. "Às vezes recebemos uma 'injeção de ânimo' espiritual só em saber que ajudamos outra irmã a recuperar as forças", diz um membro da ala, Tami L. Bradley.

"Precisamos despender mais tempo fortalecendo o companheirismo com outras irmãs", diz Ruth Roberts, de Atlanta, Georgia. "Há algumas semanas, eu me sentia muito deprimida, então telefonei a uma amiga e perguntei se podia ir visitá-la. Ficamos conversando, rindo e chorando por mais de três horas. Que banquete de espiritualidade! Se conversarmos com outras irmãs, veremos que não estamos sozinhas em nossos sentimentos e problemas." □

A Organização da Sociedade de Socorro

Presidência Geral da Sociedade de Socorro

A Sociedade de Socorro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias foi organizada em Nauvoo, Illinois, em 17 de março de 1842. Naquele dia, vinte mulheres se reuniram com o Profeta Joseph Smith, quando ele deu início ao que chamou pouco mais tarde de "uma Sociedade seleta, separada de todos os males do mundo, escolhida, virtuosa e sagrada" (Ata da Sociedade de Socorro Feminina de Nauvoo, 30 de março de 1842).

Durante os meses seguintes, as mulheres se reuniam amiúde para ir ao encontro dos necessitados e ajudá-los com alimento, vestimentas e moradia. Elizabeth Ann Whitney, conselheira na Presidência da Sociedade de Socorro, elogiou as irmãs "que estavam unindo a fé às obras" (Ata, 26 de maio de 1842). Mais tarde, quando a tesoureira Elvira A. Holmes apresentou o relatório das doações anuais, disse que "muito bem foi realizado e muitos corações se alegraram" (Ata, 16 de junho de 1843).

As irmãs também fortaleciam umas às outras espiritualmente. Elizabeth Ann Whitney "alegrava-se por poderem gozar do privilégio de se reunirem para conversar sobre as coisas do reino de Deus, para se confortar e edificar mutuamente" (Ata 15 de julho de 1843).

Que princípios motivaram as irmãs de Nauvoo?

PRINCÍPIOS DURADOUROS

Neste mês comemoramos o aniversário de 150 anos da organização da Sociedade de Socorro. Nosso lema

ILUSTRADO POR ROBERT T. BARRETT

mostra nosso propósito: "A Caridade Nunca Falha." Os primeiros membros da Sociedade de Socorro seguiam o exemplo da "mulher virtuosa" que "abre a sua boca com sabedoria, e a lei da beneficência está na sua língua" (Provérbios 31:26).

Com o mesmo espírito, as mulheres de hoje também estão procurando viver aqueles princípios duradouros. Quando "as mulheres da Igreja refletem um comportamento justo e pronunciam-se com distinção em suas vidas", elas atraem outras pessoas de bem para os princípios eternos pelos quais vivem, disse o Presidente Spencer W. Kimball. (Vide A *Liahona*, março de 1980, "O Papel das Mulheres Justas".)

Um exemplo de mulher virtuosa é Olga Kovarova, de Brno, na Checoslováquia, que foi batizada na Igreja em 1982. Quando Olga leu o Livro de Mórmon, a frase "os homens existem, para que tenham alegria" (2 Néfi 2:25) lhe chamou a atenção. Ela sentiu que o povo de seu país precisava daquela mensagem, a fim de redescobrir razões éticas e morais de viver. Embora não pudesse revelar o interesse por religião ao seu supervisor na universidade onde lecionava, ela encontrou meios de transmitir essa filosofia de gratidão, responsabilidade e alegria em classe e em acampamentos de verão. Ela se tornou uma voz de sabedoria e estímulo para seu povo. (Vide *BYU Today*, março de 1991, páginas 30-34.)

Como podemos transmitir princípios de sabedoria, benevolência e caridade às nossas famílias e à comunidade?

PROSSEGUIR COM A MISSÃO DA SOCIEDADE DE SOCORRO

Seguindo o modelo deixado pelas irmãs da Sociedade de Socorro de Nauvoo, as mulheres modernas da Sociedade de Socorro vivem princípios duradouros. Sabedoria, benevolência e caridade começam na família e espalham-se pela comunidade. Nossos talentos são muitos. Nosso campo de trabalho, imenso.

As mulheres da Sociedade de Socorro em todo o mundo continuam a buscar os necessitados. Prestamos assistência tanto às necessidades espirituais como físicas de nossos vizinhos. Edificamo-nos mutuamente, todas as semanas, por meio de aulas e música. Prestamos testemunho por meio de palavras e ações. Servimos juntas.

Durante este ano do sesquicentenário, que possamos encorajar-nos mutuamente a falar com sabedoria e a trabalhar pelo bem do próximo. □

CORTESIA DE BUSATH FOTOGRAFIA

CORTESIA DE BUSATH FOTOGRAFIA

A Presidente Geral da Sociedade de Socorro, Elaine L. Jack (no centro), e suas conselheiras, Chieko N. Okazaki (à esquerda) e Aileen H. Clyde.

Em reconhecimento ao 150º aniversário da Sociedade de Socorro, comemorado este ano, salientamos neste número os aspectos importantes da irmandade mundial, com artigos sobre alguns de seus membros. A irmã Cécile Pelous, acima, ajudou a melhorar a vida de muitas pessoas na Índia. Vide "Cécile Pelous: Amor e Amizade na Índia", página 8.